



CRB

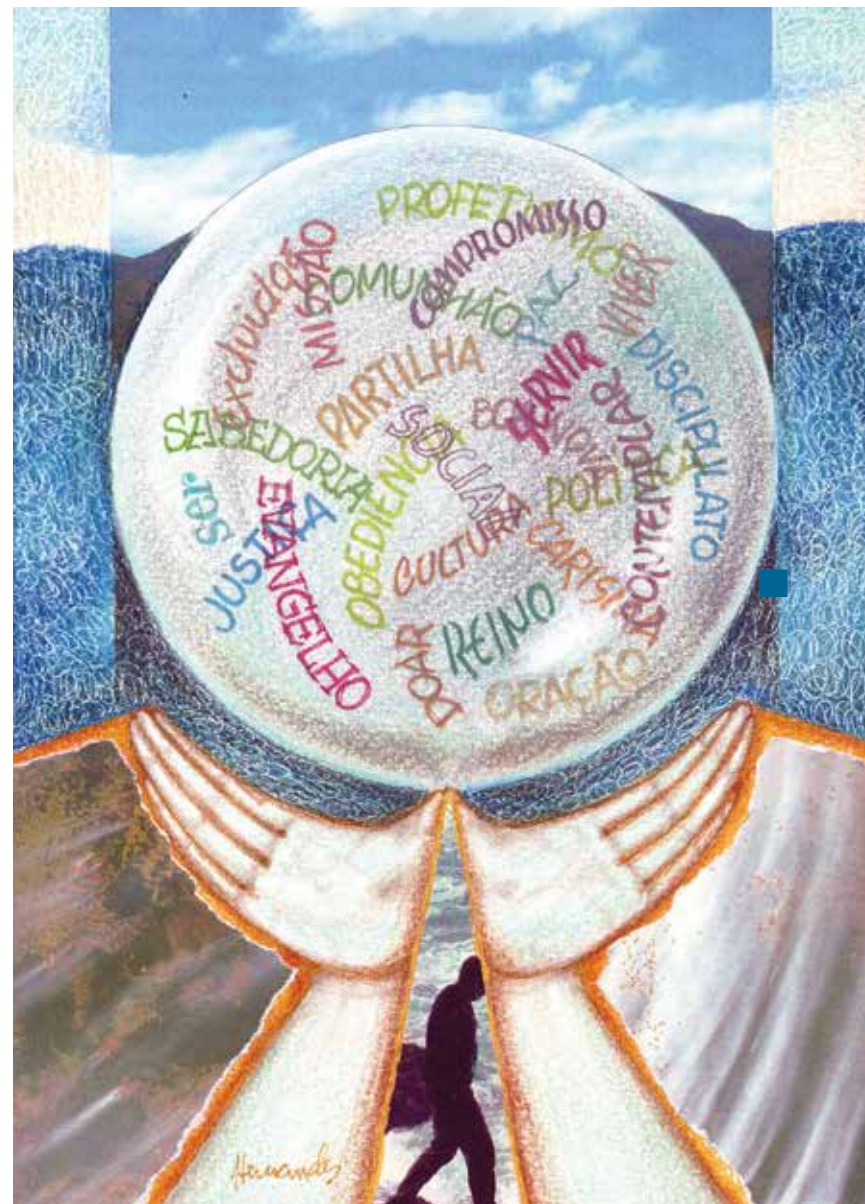
Quadro Programático da CRB 2010-2013

HORIZONTE

Em meio aos grandes desafios do mundo complexo e plural, da realidade da Igreja e da Vida Religiosa Consagrada, a Palavra de Deus nos impulsiona a avançar com os “olhos fixos em Jesus” (Hb 12,1-3), movidos/as pelo Espírito que o consagrou e enviou a anunciar a Boa-Nova (Lc 4,18). Provocados/as por uma nuvem de testemunhas (Hb 12,1), reafirmamos nossa identidade místico-profética e reavivamos a paixão pelo Reino, defendendo e promovendo a vida, assumindo a causa dos empobrecidos e construindo relações humanas, fraternas e solidárias.

PRIORIDADES

1. Redescobrir o sentido profundo da VRC, revitalizando a paixão por Jesus e seu Reino mediante a escuta da Palavra de Deus, a oração encarnada, a contemplação sapiencial da realidade, o compromisso discipular-missionário, a convivência como irmãos e irmãs e a comunhão com toda a criação.
2. Avivar a dimensão profético-missionária da VRC, atuando nas novas periferias e fronteiras, intensificando a opção pelos empobrecidos, e fortalecendo o compromisso com as grandes causas sociais, econômicas, políticas e ambientais.
3. Qualificar as relações na VRC e em seu espaço de inserção, em diálogo com as diferenças pessoais, culturais, étnicas, religiosas, geracionais e de gênero.
4. Ampliar o diálogo com as novas gerações em seus anseios e inquietações, e buscar novas metodologias para a animação vocacional.
5. Aprofundar o conhecimento da realidade juvenil e intensificar a presença e ação junto às juventudes.
6. Buscar maior leveza e agilidade institucional da VRC e ampliar as fronteiras congregacionais por meio da intercongregacionalidade, da partilha do carisma com outras pessoas e grupos de redes e parcerias.



- A paixão por Deus vivida na *com*-paixão pelas vítimas – Essência da Vida Religiosa
- Viver segundo o Espírito de Jesus Cristo – Espiritualidade como seguimento
- Vida Religiosa e vida afetiva
- Consciência Negra e Indígena na VR

Sumário

Editorial

Leve, mas muito forte 537

Informes

45ª Assembleia da CRB Regional Salvador (Bahia e Sergipe)542

Jubileu Somasco 2011-2012: 500 anos de um carisma na Igreja e na sociedade.....546

Irmãs da Providência de Gap: um projeto, um carisma, uma família 1762-2012551

Testemunho de estima e esperança, Dom Paulo Evaristo Arns, ofm.....553

Arte e Cultura

Consciência Negra e Indígena na Vida Religiosa

MÁRCIO BENEVIDES E JOSÉ BISPO DE SOUZA.....556

Artigos

A paixão por Deus vivida na *com*-paixão pelas vítimas. Essência da Vida Religiosa

MARTHA ZECHMEISTER.....560

Viver segundo o espírito de Jesus Cristo. Espiritualidade como seguimento

FRANCISCO DE AQUINO JÚNIOR574

Vida Religiosa e vida afetiva

VICTORIANO BAQUERO.....593



CONVERGÊNCIA

Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB

ISSN 0010-8162

DIRETORA RESPONSÁVEL

Ir. Márian Ambrosio, dp

REDATOR RESPONSÁVEL

Pe. Plutarco Almeida, sj
MTb 2122

CONSELHO EDITORIAL:

Ir. Helena Teresinha Rech, sst
Ir. Vera Ivanise Bombonato, fsp
Pe. Cleto Caliman, sdb
Pe. Jaldemir Vitória, sj
Pe. Roberto Duarte Rosalino, cmf

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

SDS, Bloco H, n. 26, sala 507
Ed. Venâncio II
70393-900 - Brasília - DF
Tel.: (61) 3226-5540
Fax: (61) 3225-3409
E-mail: crb@crbnacional.org.br
www.crbnacional.org.br
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73

Projeto gráfico:

Manuel Rebelato Miramontes

Revisão:

Cirano Dias Pelin e Sandra Sinzato

Impressão:

Gráfica de Paulinas Editora

Ilustração da capa:

Pe. José Maria Fernandes Machado, sj

Os artigos assinados são de responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Assinatura anual para 2012: Brasil: R\$ 89,00
Exterior: US\$ 89,00 ou correspondente em R\$ (reais)
Números avulsos: R\$ 8,90 ou US\$ 8,90

ASSINATURAS 2012

1) Novo preço: Brasil: R\$ 89,00 – Exterior: US\$ 89

Um pouco depois do início de 2011 os nossos custos (gráfica, transporte, correios etc.) tiveram um expressivo aumento. Contudo, a CRB resolveu não aumentar o preço da revista e assumiu o impacto desses custos.

Para 2012, entretanto, faz-se necessário um reajuste mínimo a fim de que possamos, por um lado, continuar a merecer o apoio dos nossos assinantes e, por outro, cobrir as despesas da Convergência.

2) Quando e como renovar a assinatura?

A maioria das assinaturas vence em 31 de dezembro. Caso haja dúvida, por favor, entre logo em contato conosco, se possível antes do vencimento, pelo e-mail <convergencia@crbnacional.org.br>.

A renovação pode ser feita de dois modos:

- Através do site <crbnacional.org.br>, no link “Revista Convergência”, colocando o CNPJ ou CPF, imprimindo o boleto e pagando no banco.
- Via depósito bancário direto (BANCO DO BRASIL, AG 1230-0, C/C 306.934-6). É necessário depois passar por fax ou e-mail o comprovante devidamente identificado.

Atenção!

Ao acessar a nossa página na internet, se a sua Congregação/Ordem/Instituto possui várias casas/obras com o mesmo CNPJ, é necessário conhecer o código de assinante. Este código vem impresso todo mês na etiqueta do envelope da revista.

Por favor, GRAVE-O! Isto vai facilitar o nosso relacionamento depois.

3. Novas assinaturas

Envie os dados completos (Congregação/Ordem/Instituto, endereço, CNPJ ou CPF, telefone etc.) para o e-mail <convergencia@crbnacional.org.br>. Em seguida, mandaremos o boleto para pagamento.

Observação: para adiantar o processo, faça o depósito na conta-corrente mencionada acima e mande, via fax ou e-mail, o comprovante juntamente com os dados completos.

Gente amiga,
bom-dia, boa-tarde, boa-noite!

Pedimos licença para entrar novamente em suas casas, a qualquer hora do dia, trazendo as matérias que por certo irão ajudar a Comunidade Religiosa a viver melhor a sua consagração nestes tempos tão complexos e desafiadores.

E é muito provável que nem haja necessidade de pedir licença, de bater à porta ou marcar horário na agenda, porque a *Convergência*, afinal, já é da família, não é mesmo? Todos os meses a nossa revista é esperada com ansiedade pelos Religiosos e Religiosas de todo o Brasil e de alguns países da África e da Europa. Aliás, para muitos Irmãos e Irmãs de VRC, a *Convergência* é um dos poucos recursos ou fonte de informação e formação mesmo. Isso nos dá uma grande alegria, coloca sobre nossos ombros enorme responsabilidade e também nos anima a prosseguirmos com fé e esperança neste caminho.

Vale ressaltar que na última reunião do nosso Conselho Editorial (outubro de 2011) avaliamos e discutimos a linha que a revista tem seguido até aqui. Todos foram unânimes em ratificá-la, mesmo porque as ressonâncias que nos chegam indicam que estamos indo bem. Assim, a *Convergência* continuará sendo uma revista voltada inteiramente (amorosamente!) para a VRC, veiculando conteúdos que estejam em sintonia com as prioridades da CRB (2010-2013) e em obediência às orientações da Diretoria Nacional. Isto

significa que a revista vai prosseguir com os seus artigos provocativos, interessantes, instigantes no sentido de colocar em pauta aqueles que são na verdade os grandes temas da VRC hoje, sempre em busca do crescimento do Reino nesta sociedade por demais conturbada.

Ao mesmo tempo – e isso talvez seja até uma novidade –, queremos fazer cada vez mais uma revista menos pesada, menos “massuda” e mais atraente para os olhos, mentes e corações – a “leveza institucional” atinge também a *Convergência*, por que não? Uma revista com conteúdos fortes sem ser uma revista intelectualizada demais. Uma revista que continue prestigiando os grandes autores, mas que da mesma forma abra espaços para as juventudes, gente que está chegando agora com novas propostas de reflexão, com novos olhares sobre a Vida Religiosa no mundo de hoje (Prioridade n. 4). Além de tudo isso, a *Convergência* quer ser cada dia (cada mês) mais uma revista com as cores de todos os “Brasis”, abrindo espaços para o que é pensado no Sul, no Sudeste, no Centro-Oeste, no Norte e no Nordeste pela gente que faz a VRC acontecer, seja nas universidades e grandes colégios, seja nas periferias das nossas cidades. Enfim, uma revista plural! Não é esta, afinal de contas, uma das nossas maiores riquezas enquanto homens e mulheres Consagrados e Consagradas?

Como de costume, abrimos a presente edição com os Informes. E o primeiro traz o lindo depoimento do Padre Edgard Silva Junior, ms, presidente da CRB Bahia e Sergipe, a respeito da 45ª Assembleia daquela Regional. Até o final de 2011, todas as nossas Regionais estarão se reunindo em suas assembleias para uma avaliação e também para buscar novas forças, e assim poderem prosseguir firmes na caminhada. Lendo o relato simples e até mesmo poético do nosso irmão de Salvador, podemos perceber o quanto são importantes esses encontros entre os Religiosos e as Religiosas dos quatro cantos do Brasil. Quantas bênçãos e graças da parte de Deus recebemos a partir do momento em que conseguimos superar velhas (e ridículas) barreiras entre nós e decidimos corajosamente juntar nossas mãos para rezar,

cantar, e trabalhar pelo Reino, sempre “de olhos fixos em Jesus” (Hb 12,1-3).

A seguir, publicamos com alegria um escrito sobre o “Jubileu Somasco 2011–2012: 500 anos de um carisma na Igreja e na sociedade”. Os Padres Somascos não poderiam deixar passar em silêncio o evento que interessou Jerônimo Emiliani, seu Fundador, na noite de 27 para 28 de setembro de 1511. Assim, a CRB presta uma homenagem aos Clérigos Regulares Somascos e compartilha as alegrias desses nossos irmãos na festa jubilar de sua Congregação Religiosa.

Também as Irmãs da Providência de Gap estão em festa, pois a Família Religiosa deu início às celebrações dos 250 anos de sua Fundação (1762–2012) por João Martinho Moye, jovem sacerdote francês, sensibilizado pela dura realidade social da época.

Finalmente, uma outra homenagem, agora a Dom Paulo Evaristo Arns, ofm, cardeal arcebispo emérito de São Paulo, que acaba de completar 90 anos de idade. Em poucas linhas, um belo testemunho de alguém que o conheceu ainda frade menor em Petrópolis, Rio de Janeiro, e acompanhou a sua trajetória enquanto profeta dos direitos humanos no Brasil. Falar de Dom Paulo, convenhamos, exigiria laudas e mais laudas. Ele faz parte daquela “nuvem de testemunhas” (Hb 12,1) que nos chama a viver a paixão pelo Reino e é referência não apenas para nós da VRC e para os cristãos em geral, mas para todas as pessoas que acreditam na justiça e na verdade!

E já que a revista é de novembro, e em novembro se comemora o “Dia Nacional da Consciência Negra”, achamos por bem colocar na seção “Arte e Cultura” um breve histórico do Grupo de Reflexão da Vida Religiosa Negra e Indígena (GRENI), assim como uma pequena matéria sobre o tema da negritude na VRC. Nos últimos anos, e por vários motivos, o GRENI tem estado um tanto quanto desanimado. Queira Deus possamos levantar os ânimos para que negros(as) e índios(as) continuem firmes e fortes na bela caminhada de libertação que iniciaram tempos atrás. A VRC precisa disso!

A parte de artigos deste mês começa com uma fortíssima provocação da Irmã Martha Zechmeister, cj, “A paixão por Deus vivida na *com*-paixão pelas vítimas. Essência da Vida Religiosa”. Com certeza o texto vai mexer com muita gente! Oxalá aconteça mesmo! Precisamos sacudir um pouco as nossas Comunidades Religiosas (ou boa parte delas pelo menos) do marasmo e talvez até da acomodação em que se encontram.

A Irmã Martha é professora de Teologia na Universidad Centroamericana, em El Salvador, e o artigo, traduzido para o português, teve a sua publicação autorizada por ela a fim de que os Religiosos e as Religiosas do Brasil tivessem amplo acesso às suas reflexões/provocações.

Segundo a autora, a Vida Religiosa tem seu fundamento nas origens do Cristianismo, pois

desde suas origens o Cristianismo é uma “rebelião jovem”, uma rebelião juvenil dentro de uma religião envelhecida que perdeu seu coração vivo em regulamentos, formalidades e hierarquias. Rebelar-se contra um sistema religioso que pactua com os poderes políticos, sem preocupar-se de fato com os explorados economicamente.

O artigo seguinte foi escrito por Francisco de Aquino Júnior, sacerdote diocesano e doutor em Teologia, atualmente trabalhando pastoralmente na Diocese de Limoeiro do Norte-CE. Achamos por bem publicar o texto porque ele trata da questão central da nossa vida cristã: a espiritualidade. E não só por isso, mas, sobretudo, porque o Padre Francisco faz uma abordagem muito interessante, destacando a questão da “espiritualidade como seguimento”. De acordo com o articulista,

[devemos] falar da espiritualidade cristã como seguimento de Jesus Cristo: seguir seus passos, prosseguir sua missão, atualizar seu modo de vida. “Seguir a Jesus é *pro*-seguir sua obra, *per*-seguir sua causa e *con*-seguir sua plenitude.” Isso é o que significa viver segundo seu Espírito. E é nisso, precisamente, que consiste a vida cristã.

Para terminar, colocamos um breve artigo do Padre Victoriano Baquero, jesuíta e psicólogo, um dos fundadores da Equipe de Reflexão Psicológica (ERP) da CRB Nacional. Com tal publicação, queremos também prestar uma singela homenagem a este religioso que por muitos anos colaborou com a CRB e com a VRC em geral no Brasil.

Padre Baquero afirma com todas as letras e sem medo de errar que “o problema da VRC nos dias de hoje depende, em grande parte, da vida afetiva satisfeita ou insatisfeita”.

Fundamentado na *espiritualidade inaciana*, de modo bem simples e direto ele propõe uma reflexão sobre a vida afetiva dos Religiosos e Religiosas, um tema, aliás, dos mais interessantes e atuais, o que, por si só, já merece ser discutido em todas as nossas Casas Religiosas. Com a sua longa experiência, seja como escritor, seja como palestrador e terapeuta, este psicólogo sabe muito bem onde residem as causas de tantos problemas relacionados à vida afetiva e que prejudicam a nossa vida enquanto Consagrados e Consagradas.

Então, minha gente, vamos à leitura!

E bom proveito!

PADRE PLUTARCO ALMEIDA, SJ

45^a Assembleia da CRB Regional Salvador (Bahia e Sergipe)

EDGARD SILVA JUNIOR, MS, E DIRETORIA REGIONAL*

Passamos de 500 participantes. Muitos? Sim! Se considerarmos que se trata de um encontro regional. Mas em relação à presença da VRC da Regional, equivale a um quarto das(os) religiosas(os) da Bahia e Sergipe.

Mas não somos números! Somos vidas, somos gente, somos consagradas e consagrados, que todos os anos sentem a alegria deste encontro. São pessoas que saem dos quatro cantos destes dois estados: Bahia e Sergipe.

Ninguém de cara amarrada, contra a vontade, pelo contrário: sorriso estampado no rosto, abraço apertado de quem se encontra de ano em ano. Assim se caracteriza esta Assembleia.

O Colégio das Irmãs Sacramentinas, em Salvador-BA, foi o lugar que nos levou a cantar: “Mira este lugar, espaço aberto pra te acolher”. Na sexta-feira, dia 9 de setembro, reunimos a Equipe Ampliada (Provinciais, Regionais, Coordenadores dos Grupos, Coordenadores dos Núcleos e a Diretoria da Regional). O ENSUMA preparou a oração, trouxe no final dez jovens, que carregavam papéis com letras que formaram a palavra JUVENTUDES. Deixaram depois quatro letras tiradas dessa palavra e formaram a palavra DEUS, *aquele que é* (Ex 3).

A Diretoria toda reunida faz uso da palavra e declara aberta a 45^a Assembleia. Retomamos as prioridades para o triênio e a Irmã Marlene Oliveira, isvpg, representando a Diretoria

* **Edgard Silva Junior** é missionário saletino. **Endereço do autor:** CRB Bahia e Sergipe: Rua General Labatut, 96, Barris, CEP 40070-100, Salvador-BA. **E-mail:** edejrms@hotmail.com.

Nacional, apresenta os Projetos da CRB Nacional e reforça o tema da leveza institucional. Pela tarde, debruçamo-nos sobre os temas da sustentabilidade, dos relatórios econômicos, e encerramos, assim, o nosso primeiro dia de trabalho.

Sábado, dia 10: lá vem chegando a VRC, de todos os cantos. Num instante o ginásio de esportes se vê diante de um novo cenário. O grito já não é mais de “gol”, mas de pessoas que trazem do “ventre da terra o grito da missão”. O ambiente já nos introduz ao que vamos aprofundar: JUVEN-TUDES. Tendas espalhadas pela quadra trazem a memória da Bem-Aventurada Dulce dos Pobres, da Bem-Aventurada Irmã Lindalva e do Padre José Comblin. Outra tenda foi reservada para a memória daquelas pessoas que partiram do nosso meio desde a última Assembleia.

O estado de Sergipe nos ajudou a rezar na abertura do segundo dia de Assembleia. A Diretoria saudou a VRC e iniciamos o que chamamos de “a mesa quadrada”. JUVEN-TUDES – O Irmão Raimundo nos ajudou a entender o tema na perspectiva sociológica. O deputado estadual Yulo Oiticica fez uma breve colocação das Políticas Públicas para a Juventude. Depois foi a vez da Irmã Anette apresentar o tema na perspectiva psicológica. Após cada colocação, a juventude da VRC tinha a oportunidade de expor seu ponto de vista, complementando ou levantando questionamentos.

Ufa! Já são doze horas... deu fome... a arquibancada da quadra, o espaço do colégio... transformam-se de repente num grande e alegre refeitório... É farofa pra todo lado!... Muita partilha, muita fraternidade. Ninguém se incomoda de comer com prato no colo ou mesmo sentado no chão.

13h30... hora de retornar ao trabalho! Antes de dar continuidade ao aprofundamento do tema, três pessoas saudaram a Assembleia: Irmã Inês, presidente da União das Congregações Brasileiras; Irmã Maris, provincial das Irmãs

Salvatorianas, e Irmã Ivone, da CNBB, responsável pelo Projeto Amazônia.

Aí mais duas pessoas retomaram o assunto: Frater Valter, com o enfoque *teológico*, e Irmã Lucinha, com o enfoque *vocacional*. Sempre com a intervenção da juventude presente.

Após o lanche, todas as pessoas se dirigiram para o trabalho de grupo por sub-regionais (sete ao todo). Foi o momento de complementar o que fora dito pelos assessores e contar o que se tem feito em cada Núcleo da CRB Bahia e Sergipe.

No final da tarde, houve a partilha do Projeto Consolação e, dessa forma, já nos preparamos para o momento de festa! Esteve conosco o nosso amigo “Gogó”, poeta e cantador, que veio de Juazeiro cantar e contar como anda o rio São Francisco e o projeto da transposição. Ouvimos com muita atenção, mas também dançamos ao som das suas canções.

Domingo, 11 de setembro, Dia do Senhor! Dom Henrique, bispo referencial para a VRC do Regional Nordeste 3, veio de Aracaju-SE presidir a Eucaristia e dirigir a palavra a todas(os). Após a missa, saímos para o lanche. No retorno, Irmã Marlene, da CRB Nacional, fez uso da palavra. Os sete grupos partilharam o trabalho do sábado e, em seguida, os(as) assessores(as) fizeram as últimas considerações.

Aí veio a “Fila da VRC” – convites, comunicações, datas, denúncias..., tudo intercalado com cantos e também sorteios. Por fim, a Diretoria da CRB Regional fez uso da palavra, convocando para as duas reuniões de 2012 (Ampliada e 46ª), e a Diocese de Ruy Barbosa, numa belíssima oração, provocou a VRC de Sergipe e Bahia a chegar mais perto do poço e dizer: “Jesus, dai-me desta água...”. Aí, então, todas as pessoas presentes receberam uma garrafinha de água. Naquele grande círculo agradecemos a Deus o serviço de tantas mãos e tantos corações generosos, que em sintonia de amor fizeram acontecer a Assembleia. Num abraço de “até

o próximo ano” nós nos despedimos. Sentimos a alegria estampada no olhar de cada Religiosa(o).

O que mais nos alegra é saber que tudo isso contribuiu de alguma maneira para termos sempre “os nossos olhos fixos em Jesus”.

Jubileu Somasco 2011-2012: 500 anos de um carisma na Igreja e na sociedade

FRANCO MOSCONE, CRS*

Os Padres Somascos não podem deixar passar em silêncio o evento que interessou Jerônimo Emiliani, seu Fundador, na noite de 27 para 28 de setembro de 1511.

Naquela noite, com efeito, eles sempre reconheceram o realizar-se daquele discreto agir de Deus, que, “de mansinho, constrói, na grande História da Humanidade, a sua História”. Pela mediação de Maria, Mãe das graças, o Deus rico em Misericórdia bate ao coração de Jerônimo, jovem soldado da “Sereníssima” República de Veneza, preparando-o a entrar no número dos grandes Santos do século XVI, “reveladores de novas irrupções do Senhor na confusa história de seu século, à deriva e afastando-se sempre mais dele”.

O evento providencial é, na realidade, um pequeno acontecimento enquadrado na longa e cruel guerra que a República de Veneza, no ápice de sua potência, sustentou contra todas as forças da Europa de 1508 (Coalizão de Cambrai) até 1516 (Tratado de Paz de Noyon).

Jerônimo Emiliani, jovem de nobre família veneziana, aos 25 anos obteve, do *Conselho Maior* da República, o comando de uma fortaleza situada na entrada do Vale do rio Piave: “Castelnuovo”, perto de Quero. Aí se instalou na primavera (europeia: março/maio) de 1511 e reforçou sua segurança. Mas seus sonhos de glória esvaíram-se ao amanhecer de 28 de agosto de 1511, quando a tropa de defesa do castelo teve de render-se diante das superiores forças da Coalizão. O comandante foi jogado na prisão, onde ficou acorrentado durante um mês.

* **Franco Moscone** é o superior-geral dos Clérigos Regulares Somascos (Padres Somascos).

Endereço do

autor: Rua Prof. Antonio Braga, 196, Jardim Santa Cândida, CEP 13087-601, Campinas-SP.

Mas na noite de 27 para 28 de setembro re floresceu a esperança no coração do prisioneiro por um fato inesperado.

O acontecimento é relatado com o frescor e a estonteante simplicidade de uma “Graça recebida”.

Jerônimo Emiliani, passando seus dias a pão e água, estando aflito e profundamente desanimado pela pavorosa companhia dos guardas e torturas perpetradas, voltando-lhe à memória a N. Sra. do Santuário de Treviso, com coração humilde a ela recorre, prometendo visitar esse seu *lugar* milagroso, descalço e em hábito de prisioneiro, e prometendo também mandar rezar *missas*. *Statim*, logo apareceu-lhe uma mulher vestida de branco, segurando algumas chaves nas mãos, e disse-lhe: “Toma estas chaves, abre os grilhões e a torre e foge”. Mas, precisando ainda passar em meio ao exército inimigo e desconhecendo o caminho para Treviso, caiu em profundo desânimo. Novamente se recomendou a Nossa Senhora e implorou a ela socorro para passar pelas tropas inimigas com vida e que lhe ensinasse o caminho para chegar até Treviso. E *statim*, logo ela o tomou pela mão e o conduziu através dos inimigos sem ser visto. E o levou pela estrada de Treviso. Logo ao avistar os muros da cidade, desapareceu. E o próprio Jerônimo contou este estupendo milagre.

Nesse evento milagroso, desde os primeiros anos da sua história, a Congregação Somasca sempre reconheceu sua origem, a “doce ocasião” pela qual a Providência suscitou-a na Igreja de Deus, a serviço dos pobres. Um carisma nascido numa prisão e crescido na estrada; um carisma em prol de quem, todo dia, experimenta o “cárcere” dentro de si mesmo e sem esperança e que somente na estrada encontra a “casa” que o “acolhe”. Por esse motivo, a atenção não se dirige exclusivamente à libertação milagrosa.

No silêncio daquela noite, a intervenção de Maria rompeu as correntes da prisão e, sobretudo, aquelas do coração do Emiliani, preparando-o para ser “soldado de Cristo”. Naquela mesma noite foram soletradas as primeiras frases de um diálogo de amor entre o Libertador e o liberto, diálogo

amoroso que ajudará Jerônimo “a interpretar os sinais dos tempos e a responder, de modo iluminado, às exigências que emergiriam ao longo da caminhada”.

Aos olhos iluminados de Jerônimo, apareceu a grande “emergência” do momento: a reforma da Igreja. Ele começou a enfrentar esse desafio entrando na lógica de Deus, que escolhe o que é fraco no mundo para confundir os fortes. Na escola de Jesus Crucificado, iniciou um itinerário espiritual que, durante dezessete anos de busca da vontade de Deus, o levaria gradualmente a despojar-se de toda segurança humana para configurar-se sempre mais a Cristo, despido na cruz. O bem-aventurado João Paulo II nos lembrou, porém, que o Espírito Santo, “bem longe de subtrair à história dos homens as pessoas que o Pai chamou, as põe a serviço dos irmãos e as orienta a dedicar-se a missões especiais diante das necessidades da Igreja e do mundo”.

Ardendo de amor por Deus e pela Igreja, Jerônimo empenhou-se integralmente na contemplação e na ação caritativa, sempre em companhia da sua amiga pobreza. Privilegiou a ação em prol dos órfãos, com os quais quis criar pequenos oásis de cristãos “reformados” que iriam se tornar fermento vivo na reforma geral da Igreja. Seu exemplo atraiu outros que, como ele, renunciaram a tudo para seguir Cristo Crucificado e servir os pobres.

Surge, assim, a “Companhia dos Servos dos Pobres”, mais tarde reconhecida, pela Igreja, como “Ordem dos Clérigos Regulares Somascos (ORS)”.

Esses, como o próprio Fundador, também testemunham a própria oferta a Cristo servindo os pobres.

O 137º Capítulo Geral da Congregação colocou-se na perspectiva de tal acontecimento, haurindo dele a inspiração em olhar para o próprio futuro: “LIVRES PARA SERVIR”.

“Quebraste minhas correntes”: a frase, que alude ao Sl 116(114+115), constitui o motivo inspirador para o Jubileu e os próximos anos. A Família Carismática Somasca é

chamada a olhar para o próprio Fundador, a voltar com ele para “Quero” para reviver a experiência da libertação.

Descer fundo na situação de Jerônimo durante o mês do cativo, mesmo somente de maneira memorial, exige alguns passos fundamentais capazes de dar vida e impulso a um carisma que está para ultrapassar a soleira dos 500 anos.

Primeiro passo: trata-se de tomar consciência da própria situação existencial e “criatural”, marcada pelo limite e pelo pecado, que sempre acorrentam; não ter medo de dar nome às correntes que impedem a liberdade de filhos(as) de Deus.

Segundo passo: trata-se de voltar a erguer os olhos para o alto, fazendo memória do dom de Graça concedido a São Jerônimo Emiliani e transmitido, sob a ação do Espírito Santo, à Companhia, e, por meio de Maria, nossa Mãe, a cada um de nós.

Terceiro passo: trata-se de reconhecer que tudo isso é dom imerecido e que a intercessão de Maria, que acompanhou Jerônimo pela mão através do acampamento inimigo, continua presente até hoje para que a *Companhia* continue livre e firme, sem se deixar impor novamente o jugo da escravidão.

Quarto passo: trata-se de reafirmar o motivo do nosso existir (enquanto Somascos), do nosso “êxodo” do cárcere de Quero, finalizados à glorificação de Deus, ao bem da Igreja, à participação na sua missão apostólica, através do serviço a Cristo nos pobres. No projeto de Deus, nossa Congregação não nasce nem é liberta para si mesma, mas para a Igreja e para os pobres de Cristo!

Para esses *passos* estamos nos preparando há três anos, interiorizando e tentando pôr em prática o testamento do Fundador. São três frases somente, mas densas de conteúdo e síntese de uma autêntica experiência carismática:

- “Segui os caminhos do Crucificado, menosprezando o mundo...” Ou seja: espiritualidade entendida como “seguimento” de Cristo, porque a Espiritualidade Somasca é carregar, com o “dulcíssimo Jesus”, o peso da cruz.

- “[...] amai-vos uns aos outros [...]” Ou seja: comunhão de vida, porque a *Companhia Somasca* é testemunho de Igreja reformada, segundo aquela dos tempos dos apóstolos.
- “[...] servi os pobres.” Ou seja: a missão para o Reino de Deus no mundo, como aplicação de Mt 25 e Lc 10, porque a Missão Somasca é missão “samaritana”.

O Jubileu dos 500 anos quer, então, renovar a força e a energia contida no milagre do dia 27 de setembro de 1511 e reafirmar que, se pomos toda nossa fé e esperança no Senhor, ele continuará a realizar em nós grandes coisas, exaltando os humildes.

A mística que impulsiona a Congregação e a Família Somasca é a de “Quero”: evento que nos enraíza na história de hoje, na fidelidade ao carisma que somos chamados a “guardar” e pôr a fruto para confirmar a nós mesmos e aos irmãos nas “Obras de Cristo”, e para “não voltar para trás, nem deixar outros voltarem”.

Irmãs da Providência de Gap: um projeto, um carisma, uma família 1762-2012

551

LORETA COSME LIMA*

O ano é 1762. Em Vigy, pequena aldeia da França, inicia-se a realização de um projeto sonhado, rezado e trabalhado por oito anos: a educação de crianças marcadas pela pobreza, ignorância e abandono nas zonas rurais da França.

O sonhador é João Martinho Moye, jovem sacerdote francês, sensibilizado pela realidade que via, em suas andanças missionárias, nos arredores de Metz, região da Lorena, na França. “Estando em Metz [...] comecei a conceber o projeto de enviar moças para a roça, sobretudo para as aldeias mais abandonadas, para instruir as crianças e as outras pessoas que tinham necessidade de instrução” (J. M. Moye).

A primeira enviada é Margarida Lecomte, jovem operária de uma oficina de costura. É ela quem, em 14 de janeiro de 1762, na aldeia de Vigy, numa estrebaria abandonada, começa a ensinar as primeiras crianças. Com Margarida e com as jovens que se lhe seguiram, o projeto de João Martinho foi implantado nas aldeias da França.

O projeto, apoiado por uns e criticado por outros, é inusitado. As jovens são enviadas às aldeias na mais completa insegurança: sozinhas, sem nenhum laço jurídico ou institucional, sem nenhum aporte material, seja para si, seja para a obra que vão empreender, num abandono total à Providência. “Enviei-as sem lhes dar um centavo, como Nosso Senhor enviara os apóstolos, exortando-os a pôr sua confiança em Deus e a se abandonar inteiramente à Divina Providência” (J. M. Moye).

* **Irmã Loreta Cosme Lima** pertence às Irmãs da Providência de Gap. **E-mail:** pgap@veloxmail.com.br. <www.providenciadegap.com.br>.

A concretização do Projeto interpela as pessoas e o espírito que o anima vai-se revelando no cotidiano. No modo de viver das jovens professoras nas aldeias – comungando da vida precária das pessoas, servindo-as em suas necessidades, superando dificuldades –, o povo percebe o sinal da Providência. E, como a viúva de Sarepta, que confirmou a vocação de Elias, o povo confirma a missão dessas jovens professoras, chamando-as de Irmãs da Providência. Elas são as enviadas de Deus para a população. “De início não sabia que nome vos dar [...] Mas o público vos deu universalmente e vos conserva o nome de Irmãs da Providência. E é o nome que melhor vos convém [...]” (J. M. Moye).

A partir desse início, 250 anos são passados. A semente plantada em Vigy tornou-se uma árvore da qual se originam sete ramos, ou seja, sete diferentes Congregações: Irmãs da Providência de Gap, de Portieux, de São João de Bassel, de Champion, de Ribeauville, de Santo Antonio do Texas e Missionárias Catequistas da Divina Providência, que se reconhecem e se relacionam como Filhas de João Martinho Moye e portadoras do Carisma de Providência. Elas estão espalhadas por lugarejos, cidades, periferias e fronteiras do mundo – 26 países: Ásia, África, Europa e Américas. Estão em diferentes lidas, assumem diferentes desafios, mas a intenção é a mesma: anunciar com a vida o Deus Providência.

Há algumas décadas, leigos e leigas somam-se às Filhas de João Martinho, partilhando de sua espiritualidade e carisma. Na América do Sul, surgem vocações sacerdotais que também abraçam a espiritualidade e o Carisma de Providência. Todas e todos – irmãos, sacerdotes, leigos e leigas – constituem a Família da Providência, que, na ação de graças, no compromisso renovado e no abandono à Providência, celebra seu 250 anos.

Nós, Irmãs da Providência de Gap, somos agradecidas por fazer parte desta grande Família e por celebrar 250 anos de existência.

Testemunho de estima e esperança, Dom Paulo Evaristo Arns, ofm

553

ANTONIO ABREU, SJ*

Pena, só conheci Dom Evaristo de passagem e de longe. Meu testemunho de estima por ele e de esperança na Igreja santa e pecadora vem de comparar – com admiração, alegria e respeito – o que conheci de passagem e o que conheci de longe.

Em janeiro/fevereiro de 1959, irmão jesuíta, estudante de Filosofia, fiz um curso de formação para professores de Ensino Médio em Petrópolis, Rio de Janeiro. Os franciscanos do Convento Sagrado Coração me acolheram fraternalmente por aquelas semanas.

Foi então que conheci “de passagem” Frei Paulo Evaristo Arns. Se eu estiver certo, ele era professor de Patrologia (e História da Igreja?) e “mestre de clérigos”, ou seja, o frade irmão mais velho encarregado da *cura personalis* dos jovens frades estudantes.

Minha imagem dele desse tempo ficou matizada por dois elementos em tensão. Os poucos contatos que tive com ele, o que ouvi dele e sobre ele me fizeram admirar um Religioso profundamente franciscano, cheio de amor por seus confrades e pelo Povo de Deus – e por toda a família franciscana. Minha imagem simplificada e estática da diversidade dos ramos franciscanos se desfêz, porque Frei Evaristo me contaminou com a sua visão fraterna e alegre sobre tal variedade. Conhecer e estimar outra Família Religiosa na Igreja me ajudava a alimentar um amor mais esperançoso e bem-humorado para com a mínima Companhia de Jesus.

* **Padre Antonio Abreu** é jesuíta.
Endereço do autor: SGAN, L 2 Norte, Quadra 601-B, CEP 70830-010, Brasília-DF.
E-mail: antonio@ccbnet.org.br.

Mas a um jovem envenenado de política, fascinado pela paixão de meu pai anticlerical pela justiça, entristeceu sentir o quanto este santo homem era conservador, devoto da ordem, “de direita” mesmo.

Soube de sua atuação sacerdotal em áreas petropolitanas muito carentes. Com a minha cabeça de então, isso me parecia religiosamente meritório e louvável, mas de alguma forma incompleto. O que não impedia que “no saldo” meus sentimentos fossem de admiração e afeto.

Depois, o conheci “de longe”, bispo auxiliar entre os empobrecidos de São Paulo, arcebispo, depois cardeal. Mentor de uma Igreja para a qual a promoção da justiça era exigência do anúncio da fé.

Dom Evaristo, aberto docilmente à ação do Espírito Santo, foi “convertido” pela realidade que viveu. Sobretudo quando viu que a violência cotidiana de uma sociedade profundamente desigual não era nem de longe natural, como a “irmã chuva” e o “irmão sol”. Para garantir a continuidade da violência cotidiana difusa, o poder não recuava ante o uso da violência dura e pura, direta e concreta. Não podia ser o Deus de Amor, que ele via agindo em todas as coisas, quem permitia, por insondáveis desígnios, a desigualdade, a injustiça, a opressão.

Ele, Dom Evaristo, crescera. Crescera para ser fiel a si mesmo no seguimento radical de Jesus Cristo.

Meu trabalho no Instituto Brasileiro de Desenvolvimento (Ibrades), até então situado no Rio de Janeiro, me fez descobrir que o que muda as pessoas para o compromisso com “outro mundo possível”, com mudanças estruturais que permitam esse mundo mais fraterno e cheio de paz, não é o estudo, não são os cursos. Cursos e estudo servem à lucidez, à coordenação, à eficácia nessa luta. O que muda não é a cabeça, é o coração. Tal “conversão” a todas aquelas abstrações bonitas e sedutoras passa pelo concreto – nem sempre

tão bonito e atraente – do mundo dos pobres. E mais: exige um coração dócil ao Deus que nos fala na realidade.

A evolução de Dom Paulo Evaristo Arns foi para mim fundamento de estima ainda maior por ele – e de esperança na Igreja santa e pecadora.

* **Padre Márcio Benevides** é religioso josefino. Bacharel em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora da Imaculada Conceição (PUC-RS) e em Teologia pela PUC-PR. Atualmente, é Formador de Postulantes no Postulado Josefino em Londrina-PR e diretor de ensino da Escola Profissional e Social do Menor. Membro do Grupo de Reflexão dos Religiosos Negros e Indígenas (GRENI).

Consciência Negra e Indígena na Vida Religiosa

Grupo de Reflexão sobre a Vida Consagrada Negra e Indígena (GRENI)

MÁRCIO BENEVIDES*
JOSÉ BISPO DE SOUZA**

Origens

O GRENI, dentro da Conferência dos Religiosos do Brasil, constitui-se como um Grupo de Reflexão sobre a Vida Consagrada Negra e Indígena. Iniciou na CRB no ano de 1993 – quando foi aprovado pelos(as) Superiores(as) Maiores na Assembleia Geral, fruto da reflexão de vários(as) Religiosos(as) que se reuniam em suas Congregações e Institutos, nos estados e também por regiões.

O GRENI tem o papel histórico de anunciar um tempo novo, onde o povo negro e o povo indígena possam aprofundar a sua fé e a fé de sua comunidade, buscando o reencontro das raízes históricas de si próprios, principalmente do povo negro e do povo indígena que vivem hoje a sua experiência de fé na Vida Consagrada.

Objetivos

Ser um grupo de reflexão que trabalhe, apoie, anime e articule a autodescoberta da Vida Religiosa Negra e Indígena, no que concerne à consciência de pertença à sua etnia, incentivando-a a prestar serviço à causa do povo e à sensibilização de toda a Vida Religiosa e suas estruturas, para os desafios da inculturação das sementes do Verbo, presentes em cada cultura, respondendo com fidelidade ao anúncio e à missão de Jesus Cristo, tendo em vista a refundação da Vida Consagrada.

Sendo assim, trata-se de buscar de todas as maneiras uma maior inculturação do Evangelho na VRC. O espaço de reflexão é para todos e todas os(as) descendentes dos povos indígenas, afrodescendentes e também para todos(as) os(as) Religiosos(as) identificados(as) com a causa e solidários(as) com ela.

Em sintonia com a Pastoral Afro-Brasileira da CNBB, e em fraterna parceria com outras instituições afins, o GRENI propõe-se a assumir os compromissos de:

- a) autoestima do Dom de Deus presente na negritude;
- b) luta contra o racismo e a discriminação;
- c) diálogo cultural, ecumênico e inter-religioso com os valores afrodescendentes e indígenas presentes na sociedade como um todo;
- d) inclusão de negros(as) e indígenas no processo de cidadania a pleno título;
- e) inculturação da Ação Evangelizadora da Igreja, facilitando a promoção da pessoa, a renovação das comunidades e o mutirão da construção de uma sociedade mais justa e solidária.

Presença afro-indígena na Vida Religiosa Consagrada

“Pelo caminho de nossas culturas o espírito nos conduz no discernimento e encarnação da novidade de Deus.”

Quando a Vida Religiosa, aberta às provocações do Espírito Santo, se deixa interrogar e se abre à refundação, a contribuição de outras referências ou paradigmas tornam-se necessárias para alcançar os objetivos desta ação refundadora.

A VRC, aberta ao pluralismo étnico e cultural, aponta para o paradigma da comunhão, centrado na vivência trinitária e profeticamente denunciador de todos os paradigmas de exclusão. Trata-se de fazer da Vida Religiosa uma presença forte lá onde a vida é diminuída e ameaçada. A presença afro-indígena na VRC, então, torna-se um sinal de esperança.

Os muitos acontecimentos que têm movimentado a Vida Religiosa, sobretudo nos últimos cinquenta anos, mostram a sua vitalidade. No entanto, é particularmente na abertura ao étnico-cultural que se pode constatar o “novo” que vem surgindo. Por essa razão, o GRENI não interessa apenas aos afrodescendentes e indígenas, mas a todos e todas, Religiosos e Religiosas, que de alguma maneira ainda sonham e buscam uma VRC cada vez mais coerente com as práticas evangélicas do seu inspirador, Jesus Cristo.

O que significa ter Consciência Negra hoje no Brasil?

Significa crer numa “casa-causa”, que nos possibilita ter orgulho do que se é: NEGRO!

Ter Consciência Negra, portanto, é compreender que a intenção do projeto de colonização do Brasil pelos brancos portugueses era lucrar com o tráfico e venda de escravos, lucrar com a produção de açúcar, de café, de algodão, de pedras preciosas e, além disso, impor a cultura branca, que eles imaginavam ser superior, aos negros e povos indígenas.

É saber que os trezentos e cinquenta anos de escravidão portuguesa tiveram como resultado cinco milhões de africanos sequestrados durante o período da colonização – o Brasil foi o penúltimo país a abolir o tráfico de escravos (em 1850) e o último a abolir oficialmente a escravidão (em 1888).

Que a escravidão praticada pelos brancos portugueses era violenta. Portanto, não podemos esquecer as torturas e maus-tratos contra os nossos ascendentes; as longas jornadas de trabalho, a má alimentação e a vida miserável nas senzalas; e que aos negros escravizados não era permitido constituir família nem praticar as suas religiosidades trazidas da África.

Que é uma grandiosa mentira quando as elites dizem que os nossos antepassados aceitaram tudo isso de forma passiva. Os negros na história da escravidão do Brasil reagiram

individual e coletivamente. Fugiram das fazendas escravistas, organizaram rebeliões, revoltas e quilombos. Por isso Zumbi até hoje é lembrado no dia 20 de novembro! O Quilombo de Palmares resistiu por mais de cem anos a mais de vinte e cinco expedições armadas, e muitos outros quilombos se espalharam pelo País: e isso é uma das provas de que o nosso povo reagiu.

Que os descendentes de Zumbi hoje continuam a sua luta. Continuam porque a escravidão acabou, mas inventaram o racismo como uma nova forma de escravizar os negros. E o que é o racismo? O racismo é uma ideia monstruosa construída para justificar que o negro não possui capacidade para governar nem para assumir um alto cargo público; que as profissões apropriadas para os negros são aquelas recusadas pelos brancos, como as de empregados domésticos e garis, entre outras; que nos locais frequentados pelos brancos o negro não é bem-vindo; que as culturas dos negros, como a capoeira e o Candomblé, são primitivas e selvagens.

Ter Consciência Negra é uma atitude e um compromisso com o nosso povo e com cada um de nós. Não podemos aceitar o que as elites dizem, o que falam, e as condições humilhantes que nos querem impor.

Ter Consciência Negra é cobrar dos governantes e da sociedade brasileira tudo o que nos é devido.

Ter Consciência Negra é olhar no espelho e apreciar a nossa beleza; é gostar da cor da nossa pele, do formato do nosso nariz e da textura do nosso cabelo; é valorizar a nossa música, a nossa maneira de dançar e todas as artes que criamos; é reconhecer que as religiões de matrizes africanas permaneceram até hoje porque elas preservaram o espírito comunitário e familiar de organização.

Ter Consciência Negra é crer numa “casa-causa”, que gera vida plena para todos os filhos e filhas de Deus, assegurando a liberdade, o maior dom de Deus!

1. Artigo publicado na *Revista Latinoamericana de Teología* 83 (2011).

* **Martha Zechmeister** é religiosa da Congregação de Jesus (fundada por Maria Ward), doutora em Teologia pela Universidade de Viena, Áustria, catedrática de Teologia Fundamental em Passau, Alemanha, e, desde 2009, catedrática de Teologia Sistemática na Universidad Centroamericana, em San Salvador, El Salvador. **Endereço da autora:** Universidad Centroamericana “José Simeón Cañas”, Apartado Postal 01-168, San Salvador, El Salvador, C.A.

A paixão por Deus vivida na *com-paixão* pelas vítimas¹

Essência da Vida Religiosa

MARTHA ZECHMEISTER, CJ*

Ponto de partida: a situação atual da Vida Religiosa

Um olhar sóbrio sobre o nosso mundo mostra que a Vida Religiosa na Europa está gravemente enferma, se não moribunda. Num processo acelerado, está desaparecendo da percepção pública e adentrando rapidamente na invisibilidade. Se as estatísticas têm razão, em breve chegaremos a ser uma nota marginal na paisagem europeia. Os que ontem foram construtores dos fundamentos da cultura do Velho Mundo se convertem hoje em simples lembrança histórica, e se esvaem na insignificância. Além do mais, não raras vezes parece que perdemos nossa “mística”, termo que usamos pelo momento no sentido popular latino-americano. “Mística” é nossa inspiração, o sentir de uma dinâmica que nos sustenta e empurra, nos atrai e nos faz vibrar com satisfação e gozo como indivíduos e como comunidade.

“A volta aos Fundadores, à fonte do próprio carisma”, foi o lema do Concílio Vaticano II para a Vida Religiosa. Muitas Congregações e Institutos vivem tal processo de renovação ao voltar ao carisma de origem de forma intensa e sincera. Mas a crise é tão radical e generalizada que não basta voltar ao pensamento e à proposta dos Fundadores e Fundadoras das diversas Famílias Religiosas. Toda a Vida Religiosa, de um modo geral, está afetada pela crise. Por isso temos de voltar, de verdade, aos começos, à “fonte-mãe”.² Para reencontrar nossa “mística” precisamos voltar ao princípio de toda a VRC e, enfim, de todo o Cristianismo. Esse princípio

é Jesus Cristo, e sem ele não há nenhuma “Vida Religiosa”. Ora, “princípio”, segundo o teólogo Karl Rahner, é mais do que um começo temporal. “Princípio é o que contém o ‘todo em germe’, é a origem que configura tudo o que vai evoluindo desde esta semente.”³

A volta às origens

Se não estamos enganados, a volta às origens nos oferece uma primeira surpresa. Nos inícios do movimento de Jesus não há nenhuma “Vida Religiosa”, ou certamente não no sentido técnico da palavra, uma comunidade de homens ou mulheres celibatários. Jesus não foi monge, muito menos seus discípulos. Desde sua origem o Cristianismo não foi uma religião monacal, como é, por exemplo, o Budismo. A origem, o coração do Budismo é a “sangha”, a comunidade dos monges. No Cristianismo, pelo contrário, passaram séculos, séculos canonicamente decisivos, para a configuração da identidade cristã, até que apareceram os primeiros anacoretas, com os quais começaram as tradições que, mais tarde, se chamaram Ordens ou Vida Religiosa.

Além do mais, a ambiguidade das origens do monacato cristão é óbvia. Não se pode negar nessas origens a influência agnóstica que entranhava o perigo de desfigurar o Evangelho de maneira profunda e sutil. Na *fuga mundi* dos “Padres do Deserto” nota-se um dualismo que rejeita e menospreza não só a realidade externa histórica e política, mas também afeta o corpo humano, pois com frequência está permeada de uma obsessão doentia pela repressão à sexualidade. Nessas origens do monacato encontramos ideias de ascese, santidade e perfeição que têm pouco ou nada a ver com o caminho de Jesus Cristo. Tudo isso deixou pegadas profundas e desumanas no Cristianismo em geral, e na VR em particular.

Contudo, também é verdade que essa massiva *fuga mundi* dos anacoretas, essas personagens raras e extravagantes do século IV, tem outros traços que não provêm do agnosticismo e do neoplatonismo. É o protesto enérgico contra

2. Esta e outras citações inspiradoras eu devo ao excelente estudo de José María CASTILLO. *O futuro da vida religiosa, das origens à crise atual* (Madrid: Herder, 2003. p. 25ss).

3. RAHNER, Karl. História da teologia. In: *Sacramentum mundi* VI. Barcelona: Herder, 1976. p. 555.

uma Igreja imperial e contra seu matrimônio com o poder. Naquele momento histórico a Igreja deixava de ser uma minoria perseguida e se encontrava num acelerado processo de adaptação e assimilação à cultura dominante. Isso não significava somente sua acomodação e assimilação aos novos tempos, mas uma distorção de sua essência e de sua mensagem com graves consequências. A comunidade dos cristãos deixava de ser uma Igreja martirial em seguimento do protomártir Jesus, e cada vez mais a mesma Igreja vai-se convertendo em parte de um mundo que produz vítimas, ao menos as tolera, como dano colateral. Apesar de toda a sua ambiguidade, o êxodo para o deserto dos primeiros monges da Igreja imperial e da cultura dominante tem algo a ver, certamente, com Jesus. Por quê?

Parafraseando Johann Baptist Metz, a quem devo as intuições fundamentais de minha teologia, quero formular assim: desde suas origens o Cristianismo é uma “rebelião jovem”,⁴ uma rebelião juvenil dentro de uma religião envelhecida que perdeu seu coração vivo em regulamentos, formalidades e hierarquias. Rebelar-se contra um sistema religioso que pactua com os poderes políticos, sem se preocupar de fato com os explorados economicamente e com os marginalizados socialmente por esses poderes. Jesus lembrava profeticamente e com plena autoridade à religião judaica suas próprias origens: a experiência de um Deus que tira da escravidão, a experiência e a fé num Deus que não tolera ao seu lado nenhuma divindade que legitima impérios de domínio e repressão. Cristãos são aqueles que seguem a Jesus Cristo, que vivem à maneira de Jesus. Arriscam suas próprias vidas por colocar-se de modo incondicional ao lado dos vulneráveis, dos atormentados e dos excluídos. Desde sua origem como comunidade de Jesus a Igreja tem um único direito de existir, ou seja, fazer presente o Evangelho como realidade salvadora e libertadora das realidades que afligem e escravizam em concreto os seres humanos no mundo. Os primeiros monges apareceram exatamente nesse momento histórico, quando a Igreja tinha começado a trair seriamente a própria essência, sua vocação, sua missão.

4. METZ, J. B.: *Compaixão sobre um programa do Cristianismo na era do pluralismo cultural e religioso*. Barcelona: Herder, 1988. p. 12ss.

Na década de 1970, Metz definiu a VRC como “terapia de choque do Espírito Santo para a grande Igreja”, como forma institucionalizada de uma perigosa lembrança no seio da Igreja”.⁵ A Vida Religiosa possui uma espécie de ferrão, a intranquilidade, a moléstia permanente de uma Igreja que faz a paz com os poderes deste mundo. Numa Igreja aburguesada, a Vida Religiosa tem de reclamar com insistência e teimosia as raízes evangélicas e a radicalidade do seguimento de Jesus Cristo.

Tal linguajar, hoje, em nossa situação, não nos parece muito adequado. Os Religiosos e as Religiosas, sobretudo da Europa, certamente não se parecem com um exército de jovens rebeldes. Achamos mais prudente falar tudo em voz baixinha e comportamo-nos de maneira discreta. E, falando com sinceridade, esta nova humildade, às vezes, me parece bastante suspeita. Se a VRC já não provoca nenhum escândalo nem irritação por sua voz profética, nem dentro nem fora da Igreja, algo anda muito mal.

Nova criação pelo Espírito nas quebras da história

Creio que a dinâmica dos primórdios do Cristianismo nós a encontramos nos momentos iniciais de toda fundação autêntica, ao menos nos princípios dos grandes arquétipos da Vida Religiosa. Ao longo dos séculos, em diferentes contextos históricos e com características diferentes, pode-se detectar um certo padrão que se repete e que poderíamos descrever assim:

Nas rupturas da história e nas grandes quebras das culturas encontramos uma certa configuração da Igreja, apegada à cultura dominante, que juntamente com esta entra em crise e chega ao seu fim. Assim ocorreu nos séculos da queda do mundo antigo e do surgimento dos povos bárbaros, ou nos séculos XII e XIII, com a ascensão das cidades medievais, a sua acumulação de riqueza, e, como consequência, a miséria das maiorias empobrecidas. Nessas convulsões de transição e nos umbrais das novas épocas obviamente já não

5. METZ, J. B. *As ordens religiosas, sua missão num futuro próximo como testemunho vivo do seguimento de Cristo*. Barcelona: Herder, 1988. p. 12ss.

servem receitas para assegurar a transmissão do Evangelho e da mensagem cristã. E é precisamente nesses momentos que a VRC tem-se mostrado, muitas vezes, como “o ardid do Espírito Santo” contra o peso da instituição e do poder eclesial, intimamente aderido às estruturas de um mundo que se afunda. Então, alguns homens atrevidos e algumas mulheres atrevidas se aventuraram a empreender o grande êxodo: sair das formas obsoletas e, ao mesmo tempo, voltar aos inícios. O Espírito serviu-se dessas pessoas para realizar uma espécie de “nova criação”, uma comunidade de irmãos e de irmãs nas quais Jesus de Nazaré se faz presente com uma nova vitalidade e imediatez.

Não se pode duvidar de que hoje nos encontramos numa situação semelhante, situação de convulsão profunda com todos os sintomas de crise e conflito. A configuração social e institucional da Igreja tem envelhecido, e ao que parece também a VRC. Já não responde às exigências e desafios do mundo real nem à miséria e às aflições que ameaçam os seres humanos de hoje. Talvez o primeiro passo necessário seja reconhecê-lo com sinceridade e sem nostalgias do passado. Que a Igreja e a VRC tenham futuro depende totalmente de uma “nova criação”, pelo Espírito, o que está além de nossa boa vontade disposta a reformas, por mais sincera que seja. O *ars morrendi*, a arte de não se aferrar ao já conhecido e libertar-se das preocupações pelo próprio futuro como indivíduos e como comunidades, é o primeiro passo para que o Espírito possa fazer surgir vida nova desde os ossos que sobraram.

Toda tentativa por assegurar a identidade do Cristianismo, e muito mais, a própria santidade da Vida Religiosa, está condenada ao fracasso. A Igreja por si mesma não é nada. Ou é essencialmente *ex-cêntrica*, ou não é de verdade a Igreja de Jesus Cristo. Não tem uma missão, mas simplesmente é *missão*, um ser “desde” e “para” os outros. Não há transmissão do Evangelho sem entrega total aos outros. Contudo, o peso da instituição e a tentativa a “espiritualizar” o Evangelho ou abrandá-lo com acomodações burguesas expressam o perigo perene de trair este seu ser mais íntimo. Lutando

em defesa dos seus próprios interesses, como se fora “uma finalidade em si mesma”, a Igreja e a VRC tornam-se incapazes de representar a palavra reconciliadora e salvadora para a humanidade e para o mundo de hoje.⁶

Diante desse perigo, o Espírito suscita Religiosos e Religiosas que sejam espinhos no corpo eclesial, “memória perigosa”⁷ do que significa ser cristão e do que significa ser comunidade de Jesus. Se isso vale para a Igreja, vale de forma eminente para a VRC. Não existe nenhuma identidade “em si mesma”, ou uma missão como algo accidental. Se não somos missão, se não somos “desde” o outro e “para” os outros, não somos nada. Libertar-se da preocupação pela sobrevivência e pela segurança da própria identidade, entregar-se ao mistério divino na entrega aos outros, “a paixão por Deus vivida na *com*-paixão pelas vítimas”, constitui a essência mesma da Vida Religiosa.

Contra o docetismo na Vida Religiosa, a favor de uma “mística dos olhos abertos”

Certamente um altruísmo abstrato não é suficiente. Talvez nos consideremos bastante altruístas. Contudo, costumamos ser vítimas de um autoengano piedoso, e respondemos a um mundo que já não existe. Corremos o perigo de viver num mundo de ilusões e fantasmas e de perder o sentido da realidade. O que nos tira da irrealidade e de nós mesmos é aventurar-nos no mundo real, misturar-nos e viver com pessoas vivas, com suas aflições e necessidades concretas. Haveremos de ser questionados(as), e muitas vezes nos sacudirão os fundamentos de nossas ideologias e autoconsciência. Tal processo, além do mais, vem acompanhado necessariamente de medos, sofrimentos, e de toda espécie de desolação. Viver com os outros de verdade exige uma capacidade sadia para entregar-se às relações, e isso nos transformará profundamente. Abnegação, libertação do próprio eu, perder a vida para encontrá-la, nada disso é “arte pela arte”, ainda que seja espiritual. No contexto

6. Dietrich Bonhoeffer, referindo-se às lutas da Igreja Luterana pela sua sobrevivência no contexto do Terceiro Reich de Hitler, escreveu: “Nossa Igreja, que nestes últimos anos tem lutado somente pela sobrevivência, como se fosse uma finalidade em si mesma, é incapaz de ser representante da palavra reconciliadora para a humanidade e para o mundo”.

7. METZ, J. B. *A fé na história e na sociedade*. Madrid: Herder, 1979. p. 100ss.

descrito, torna-se realidade, converte-se numa experiência profunda e incisiva que afeta de verdade a carne humana.

O que se quer da Vida Religiosa é que ela “busque a Deus”. Mas, se essa procura for cristã, nunca acontecerá afastando-se ou livrando-se do mundo real, do mundo concreto e físico. Buscar a Deus na introspecção sempre significará estar muito exposto ao perigo do autoengano causado pelas próprias projeções. O primeiro passo para o encontro com Deus está no choque com a realidade. Topar com Deus é topar com a crua realidade que resiste às nossas manipulações e faz explodir nossas ideias e conceitos. Assim o confessa Jon Sobrino: “Topei com o Cristianismo em Aguilares, a 30 km de São Salvador, em 12 de março de 1977. O Pe. Rutilio Grande foi assassinado com dois camponeses. Nesse dia, e no acontecido imediatamente depois, irrompeu um Cristianismo que eu nunca tinha vivido nem suspeitado”.⁸

Tal realidade resiste às nossas manipulações e atrapalha nossas ideias e conceitos de Deus construídos por nós mesmos. Em seu poema mais curto, Dom Pedro Casaldáliga lança este grito fundamental: “Tudo é relativo, menos Deus e a fome”.

O caminho primordial para aproximar-se do mistério do Deus vivo é expor-se ao mistério do outro, do ser humano. Esse “outro” nunca pode ser reduzido à cópia de mim mesmo. Não é igual a mim, mas é o “não conhecido”, o alheio. Muitas vezes alheio de uma maneira que assusta e dá medo. O “outro” se revela como alguém que se opõe a todo tipo de apropriação de minha parte. Como alguém que questiona e desafia minha própria identidade de maneira radical e ameaçadora. Se alguém disser que ama a Deus, mas na verdade odeia o seu irmão, é um mentiroso: “[...] pois quem não ama o seu irmão, a quem vê, não poderá amar a Deus, a quem não vê” (1Jo 4,20).

J. B. Metz tem definido a mística cristã como a “mística dos olhos abertos”. A experiência cristã de Deus não tem nada a ver com fechar órgãos sensíveis à realidade externa, mas com um acordar, acordar de nossos sonhos e mundos de fantasmas para este mundo real criado e amado por

8. SOBRINO, Jon. Ser cristiano hoy. *Concilium* 340 (2011) 153.

Deus, mas desfigurado e destroçado por uma desigualdade escandalosa. Acordar a este mundo, no qual milhares, milhões de pessoas passam fome, encontram-se ameaçados por uma violência mortal e morrem de modo prematuro. Uma das perguntas que mais me perturba é: como se pode transferir a mensagem da parábola do bom samaritano para um contexto globalizado? Não é um irmão caído nas mãos de ladrões e sim uma parte decisiva da humanidade que tem caído hoje nas mãos de bandidos, dos agiotas nas bolsas, dos traficantes de armas e dos que simplesmente se movem pela cobiça. A mística da compaixão nasce na paixão por Deus e não tem outra saída senão transformar-se em “mística política”. Mas como poderemos viver tal mística sem colapsar (cair) sob a pesada carga? Metz fala do “imperativo categórico” que inevitavelmente se impõe ao ser humano que resiste a fechar os seus olhos: “Olha com atenção e saberás. Não suportamos olhar de verdade a realidade do nosso mundo, pois o que vemos é tão esmagador que ficamos necessariamente paralisados, inundados por sentimentos de impotência”.⁹

“O homem não pode ver-me e seguir vivendo” (cf. Ex 33,20). Pôr-se em marcha para buscar seriamente a Deus é uma aventura exigente e perigosa. A “noite escura” e a “morte mística” não são estados raros na alma humana. Expressam o expor-se ante Deus e ante a realidade deste mundo que parece ser em tudo negação clamorosa de Deus. Nelly Sachs, uma das sobreviventes de Auschwitz, fala num de seus poemas mais preciosos: “Apenas, alguns grandes desesperados amaram tanto que fizeram saltar, feito em pedaços, o granito da noite”.¹⁰

“Cristiforme” na solidariedade ativa com os pobres

“O cristão do futuro ou será um místico, ou não será cristão.” Essas palavras de Karl Rahner expressam, certamente, uma verdade profunda e decisiva. Mas Dom Pedro

9. METZ, J. B. *Memória da paixão, uma evocação provocadora em uma sociedade pluralista*. Santander: Sal Terrae, 2007. p. 157.

10. SACHS, Nelly. “Flugel der Prophete”. Citado por: SÖLLE, Dorothee. *Das Eis der Seele spalten*, Mainz: Grünewald, 1996. p. 219.

Casaldáliga deu um passo mais à frente e as interpretou desde o mundo dos pobres:

Digo isso a propósito de umas palavras de Karl Rahner, que escrevia: “No século XXI, o cristão do futuro ou será místico, ou não será cristão”. Conste que eu considero a Rahner como o maior teólogo do século XX. Contudo, creio, com a mais estremecida convicção evangélica, que hoje, já no século XXI, um cristão ou cristã ou é pobre, ou é aliado, ou aliada, visceralmente dos pobres, enrolado na causa dos oprimidos, ou não é cristão, nem é cristã. Nenhuma das notas mais famosas da Igreja se sustenta em pé se a Igreja esquecer esta nota fundamental, a mais evangélica de todas: a opção pelos pobres.¹¹

Certamente Pedro Casaldáliga não está propiciando nenhuma redução antropológica do Cristianismo ou um humanismo ateu, mas insiste onde e como se realiza o encontro com Deus. Não se pode buscar seriamente a Deus sem entregar-se à luta por um mundo mais justo e igualitário. “Fazer justiça ao pobre e oprimido, isso é conhecer a Deus de verdade” (cf. Jr 22,16). Na Bíblia, “conhecer” é sempre mais do que um conhecimento racional. Conhecer é o encontro na profundidade da pessoa, a entrega total aos outros. Ninguém pode encontrar-se com Deus se não fizer sensível a sua presença nos desprotegidos e vítimas. E a percepção dessa presença leva por si mesma à ação e à luta.

A mística cristã é uma mística da ação, ainda que não do ativismo. Não pode cair em fanatismos, ou em posturas agressivas ou ideológicas, ou em desespero e apatia. O caminho é aceitar com simplicidade nossas limitações e a margem das possibilidades de nossa atuação e, ao mesmo tempo, ativar toda a nossa energia para agir à maneira de Jesus. “Contemplativos na ação”, lema da espiritualidade inaciana. Isso significa, em concreto, sintonizar nosso agir com o agir de Jesus, um processo progressivo de transformação do centro de nossa pessoa para que seja sempre *cris-tiforme*. Essa atividade, que exige todas as nossas energias, é ao mesmo tempo totalmente dócil e passiva ante o agir de

11. CASALDÁLIGA, Pedro. *A coerência de uma vida profética*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 78.

Deus em nós. Estando em sintonia com o agir de Jesus, configurando-nos com Cristo, transformando-nos na forma do Filho, Deus nos acolhe como filhas e filhos amados. O ponto culminante desse processo se encontra na afirmação de Paulo: “Já não sou eu quem vivo, mas é Cristo quem vive em mim” (cf. Gl 2,20). Tal processo é uma transformação radical, um morrer para que possamos viver de verdade, mas não tem nada de alienante, pelo contrário, é o despertar de nosso potencial humano em plenitude. Se a experiência for autêntica, estará permeada de gozo e de alegria, ainda que muitas vezes de alegria com lágrimas.

A autoridade dos que sofrem

Tudo o que Jesus faz, o faz na obediência ao Pai, ouvindo a voz do Pai. “Eu não faço nada por mim mesmo. O que me enviou está comigo e não me deixa nunca só, porque eu faço sempre o que lhe agrada” (cf. Jo 8,28s). Mas como sabemos que não caímos no alçapão do autoengano, que não agimos por conta própria, senão que de verdade fazemos o que agrada ao Pai? Na concepção tradicional da Vida Religiosa, a coisa era relativamente simples: a mediação da vontade de Deus era a autoridade da Igreja. Obedecendo à autoridade, cumpríamos a vontade de Deus. Isso corresponde de verdade ao carisma da VRC e à sua vocação profética? Onde Deus nos fala de tal modo que exija nossa obediência incondicional e uma resposta que movimentava toda a nossa existência? Parafraseando Metz, a mediação da autoridade divina é antes de tudo a “autoridade dos que sofrem”.¹² Os que morrem de fome ou por causa da violência como consequência de uma desigualdade escandalosa, os migrantes, combatidos por Europa e Estados Unidos nas suas fronteiras, e os presos políticos, enfim, todos aqueles citados no Pequeno Apocalipse no Evangelho de Mateus (Mt 25), eles são a autoridade máxima à qual temos de responder sem pestanejar. Nenhuma instância, nem a mais alta hierarquia da Igreja, está acima dessa autoridade. Uma obediência e um amor adulto à Igreja devem apontar para a vocação mais

12. METZ, *Memória da paixão, uma evocação provocadora em uma sociedade pluralista*, p. 218.

nobre da Vida Religiosa, ou seja, o serviço que devemos de verdade à Igreja. Submeter-nos à autoridade das vítimas e reclamar profeticamente que toda a Igreja tem de configurar-se e definir-se desde essa autoridade. Se não fizer isso, estará deformando o rosto de Jesus Cristo.

Missão: mover-se desde o centro para a periferia

Em tempos de crise da Igreja, quando corremos o risco de perder o rosto jesuânico, obviamente o Espírito prefere irromper desde as margens, às vezes desde as margens suspeitas de heresia. Já os começos do monacato realizaram-se à margem da grande Igreja, de modo que a integração dos monges foi um desafio vital para ela. Assim aconteceu também no momento de pobreza do século XIII, e o olho da Inquisição estava dirigido para um bom número de Fundadores e Fundadoras.

A missão tem uma dinâmica centrífuga, um movimento desde o centro para as margens. É um movimento na direção dos marginalizados para tornar-se sacramento da comunhão, instrumento de inclusão dos que se acham excluídos. Se a VRC se define como esse momento eclesial que a mantém viva, precisamente essa dinâmica tem seu lugar próprio na marginalidade. Pelo contrário, sua grande tentação será o desejo de pertencer ao centro e converter-se no centro. Mas, se ela se deixar levar pelo desejo de participar do poder, ou deixar-se domesticar e dominar pelas estruturas eclesiais, já não servirá como sal nem terá mais sabor. O primeiro é mais a versão masculina da tentação, por isso Inácio de Loyola exige dos jesuítas uma promessa: não solicitar nem aceitar dignidades eclesiais. As mulheres não precisam de tal promessa, porém nem por isso estamos em menor perigo. Para sentir-nos queridas e aceitas pelo centro, às vezes traímos nosso carisma e nos estabelecemos como suporte do sistema. Em definitivo, o ferrão profético converteu-se em graxa lubrificante que mantém em funcionamento a maquinaria eclesial.

Segundo Jon Sobrino,

A marginalidade, como lugar próprio da Vida Religiosa, significa: deserto, periferia e fronteira. O ambiente natural é ali onde ninguém quer dirigir-se, ali onde não se encontra poder, senão impotência, ali onde a gente tem de arriscar-se e arriscar a própria vida, onde mais necessária seja a atividade profética para estremecer a inércia em que se vai purificando a Igreja na sua totalidade para denunciar com mais coragem o pecado.¹³

O nosso mundo não é um lugar inocente, mas um lugar de batalha, de luta. Nós, Religiosos e Religiosas, não temos de manter nossa inocência, mas arriscar-nos de maneira incondicional em favor dos mais vulneráveis e realizar nossa entrega ao mistério de Deus.

Menos cordura e mais loucura (ou: o êxtase místico)

A VRC em certo sentido não é essencial para a Igreja e isto lhe proporciona uma grande liberdade. Ela pode dar-se ao luxo de não defender a própria existência, sair do conhecido e responder com liberdade e fantasia criativa às situações do mundo que grita em busca de redenção e salvação. Portanto, não temos, necessariamente, de comportar-nos como coroinhas do sistema eclesial. A Igreja merece nosso amor adulto e não um servilismo infantil. Nem as estruturas eclesiásticas, nem as tradições petrificadas da mesma Vida Religiosa têm de definir nosso ser e nossa ação. Isso o define exclusivamente a docilidade em sintonizar nosso agir com o agir de Jesus Cristo. Cantamos a glória de Deus ao arriscar “os exageros insuportáveis” do Evangelho e do seguimento de Jesus. Dietrich Bonhoeffer, o grande mártir da Igreja Luterana alemã, nos diz:

Como justificar nossa demente arrogância para situar-nos além das coisas materiais que o mesmo Cristo viu e assumiu absolutamente? Temos de acabar com esta espiritualização hipócrita

13. SOBRINO, Jon. *Resurrección de la verdadera Iglesia*; los pobres, lugar teológico de la eclesiología. San Salvador: UCA Editores, 1988. p. 329.

e enganosa do Evangelho. Aceitemo-lo como é ou odiemo-lo sem dar explicações. Não é realmente cínico falar de consolação celestial porque não se quer o consolo terrestre. Isso não mostra que no fundo não se toma a sério a miséria, mas que se esconde por trás de frases piedosas?¹⁴

Não sejamos hipócritas, não vivamos num mundo fictício, estejamos dispostos a encarnar o amor de Deus neste mundo real. Se fizermos isso de verdade, iremos sacudir e transformar profundamente a Vida Religiosa que conhecemos e que temos vivido até agora. “Ordem” fala de ordenado, regulamentado, tudo tem seu lugar, tudo está sob controle. Não é isso de certo modo o contrário da entrega e não traz consigo o perigo da esterilidade? “[...] outro te amarrará pela cintura e te levará para onde não queres ir” (Jo 21,18). “Perder o controle”, renunciar ao *status*, libertar-nos de nossa própria importância, eis o que poderia ser o começo da uma liberdade desconhecida e de uma nova fecundidade e alegria.

A mística cristã sempre é uma mística do caminho. Caminhando com Jesus, arriscando-nos com ele por nossos irmãos e irmãs em perigo de sucumbir, abandonando-nos ao mistério de Deus. “Caminhante, não há caminho, faz-se caminho ao caminhar”, dizem os versos preciosos de Antonio Machado. Contudo, não é um caminhar na solidão, mas um caminhar de um povo. Estou no caminho junto com os meus companheiros e companheiras, junto com os irmãos e irmãs mais vulneráveis que se convertem em guias para o mistério de Deus.

Desde o Terceiro Mundo assim responde Dom Pedro Casaldáliga a Antonio Machado:

Faz do canto do teu povo o ritmo da tua marcha.

Sacode o grande letargo,

Deixa saudades atrás.

Quem caminha na esperança

Vive já o seu amanhã

14. BONHOEFFER, D. Sermão sobre São Lucas (16,19-31). *DBW* 11, p. 426-435 – aqui: p. 430 433ss.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. De que forma hoje em dia a Vida Religiosa poderia exercer a “terapia de choque” e a “recordação perigosa” na Igreja, para que ela retornasse às raízes evangélicas e à radicalidade do seguimento de Jesus?
2. Os(as) Religiosos(as) ainda se arriscam a viver uma “mística de olhos abertos”, que faz despertar dos sonhos espiritualistas para enfrentar-se com este mundo, amado por Deus, porém desfigurado por uma desigualdade escandalosa e uma violência mortal?
3. Vivemos uma obediência religiosa radical, que reconhece a autoridade de Deus na autoridade das vítimas, e reclamamos profeticamente que toda a Igreja tem de configurar-se a partir desta autoridade?

* **Francisco de Aquino Júnior** é presbítero da Diocese de Limoeiro do Norte-CE. Doutor em Teologia pela Westfälische Wilhelms-Universität, de Münster (Alemanha), é professor de Teologia na Faculdade Católica de Fortaleza-CE.

Endereço do autor: Caixa Postal 27, CEP 62930-000, Limoeiro do Norte-CE. E-mail: axejun@yahoo.com.br.

1. Mas é bom não perder de vista que o conceito espiritualidade é relativamente recente na história da Igreja. Embora apareça uma e outra vez em textos patrísticos (Pelágio; Dionísio, o Pequeno), ganha relevância e adquire importância com a escola espiritual francesa do século XVII e impõe-se como categoria teológica no final do século XIX e início do século XX

Viver segundo o espírito de Jesus Cristo

Espiritualidade como seguimento

FRANCISCO DE AQUINO JÚNIOR*

O artigo trata a espiritualidade cristã como seguimento de Jesus Cristo: viver segundo seu Espírito é viver como ele viveu. Começa abordando a espiritualidade como uma dimensão da vida humana em interação com outras dimensões. Em seguida, procura mostrar, a partir da Sagrada Escritura, em que consiste precisamente essa dimensão espiritual. Finalmente, explicita a especificidade cristã da espiritualidade e indica, sem maiores desenvolvimentos, algumas dimensões e alguns aspectos que merecem uma atenção e um cuidado especial dos cristãos no cultivo e no dinamismo da dimensão espiritual de sua vida: individual-social; interioridade- exterioridade; sentimento e decisão; opção- condicionamentos; inteligência; expressão simbólico-ritual- litúrgica; centralidade dos pobres e oprimidos.

Espiritualidade é uma das palavras mais usadas na Igreja nas últimas décadas: tem sido tema constante de homilias, retiros e encontros pastorais, há uma quantidade enorme de artigos e livros sobre o assunto. Aparece como o conceito que melhor resume e expressa a vida cristã.¹ É como se espiritualidade fosse sinônimo de vida cristã, como se houvesse uma identidade radical entre ambas.

O problema é que comumente lidamos com uma concepção ambígua, reducionista e pouco cristã de espiritualidade, com enormes consequências para a vida cristã: *ambígua* – na medida em que é compreendida num horizonte dualista que opõe o espiritual ao material (matéria X espírito); *reducionista* – na medida em que é identificada com a vida cristã e não como uma de suas dimensões fundamentais (totalidade X

dimensão) e na medida em que é identificada com certas práticas “religiosas” (culto, devoções, exercícios de piedade, símbolos); *pouco cristã* – na medida em que o espírito nem sempre é considerado e discernido a partir da práxis de Jesus de Nazaré (pneumatologia x cristologia). Certamente isso não aparece sempre de modo tão claro e explícito. Ninguém contrapõe sem mais o Espírito Santo a Jesus Cristo. Mas o que muitas vezes se descreve como experiência do espírito ou como frutos do espírito tem muito pouco a ver com a experiência do Espírito de Jesus de Nazaré e com os frutos que o Espírito produziu em sua vida. Ninguém nega que a vida humana tem dimensões materiais e dimensões espirituais, e poucos contrapõem sem mais uma dimensão à outra. Mas quando se trata de definir o específico da vida cristã, quando se olha para as prioridades pastorais da Igreja (liturgia, catequese, sacramentos, missões, devoções) e quando se analisa mais atentamente o modo espontâneo e convencional de referir-se ao espiritual (rezar pela alma, o que vale é o espírito, morrer para encontrar com Deus, imortalidade da alma, libertar-se da matéria etc.), percebe-se sem muita dificuldade um reducionismo da vida cristã à sua dimensão espiritual, um reducionismo da vida espiritual a práticas “religiosas” e uma certa contraposição teórica e sobretudo prática do espiritual ao material.

Nossa abordagem da *espiritualidade cristã* confrontará precisamente com essa problemática, tratando a espiritualidade como uma *dimensão* da vida humana (I), mostrando em que consiste essa dimensão *espiritual* (II) e explicitando sua especificidade *cristã* (III).

I – *Espiritualidade como dimensão da vida humana*

A vida humana é uma realidade complexa (vive, sente, entende), constituída por uma pluralidade de notas.² Algumas de caráter mais formalmente *material* ou *corpóreo*, outras de caráter mais formalmente *espiritual* ou *psíquico*.³ Quanto a isso, não há maiores problemas. A questão reside em saber

(Cf. MONDONI, Danilo. *Teologia da espiritualidade cristã*. São Paulo: Loyola, 2000. p. 13-16. GUTIÉRREZ, Gustavo. *Beber no próprio poço*; itinerário espiritual de um povo. Petrópolis: Vozes, 1984. p. 62s).

2. Poderíamos falar aqui de propriedades, aspectos, momentos, dimensões etc. Preferimos, com Zubiri, a expressão *notas* pela “dupla vantagem de designar unitariamente dois momentos da coisa”: *pertence* constitutivamente à coisa e a *notifica* sob um determinado aspecto ou dimensão (Cf. ZUBIRI, Xavier. *El hombre y Dios*. Madrid: Alianza Editorial, 2003. p. 18).

3. *Ibid.*, p. 30-46 – especialmente p. 39-41. Zubiri prefere falar de notas corpóreas a falar de notas materiais: “[...] o radical do

576

corpo está em ser princípio de atualidade. Corpo é, portanto, algo mais concreto que *matéria*. Porque se trata de matéria corpórea e não de *matéria* em oposição ao espírito”. Da mesma forma, prefere falar de notas psíquicas a falar de notas espirituais: “[...] não a chamo [a psique] espírito pela mesma razão pela qual não chamei o corpo matéria. Tampouco a chamo *alma* porque o vocábulo está sobrecarregado de um sentido especial mais que discutível, a saber, uma entidade substancial que habita ‘dentro’ do corpo [...] A psique é apenas um subsistema parcial de notas dentro do sistema total da substantividade humana” (ibid., p. 40s).

4. Cf. GARCIA RUBIO, Alfonso. *Unidade na pluralidade*; o ser humano à luz da fé e reflexão cristãs. São Paulo:

o modo como essas notas estão vinculadas ou articuladas entre si e qual a especificidade de cada uma delas na realidade plural e complexa que é a vida humana. E aqui a coisa complica e as opiniões se dividem. Grosso modo, podemos identificar três tendências ou posturas antropológicas no que diz respeito ao vínculo entre o que, para tornar o texto mais leve, chamaremos simplesmente de notas materiais e notas espirituais.⁴

A primeira é a que poderíamos qualificar como *dualista*. É a tendência ou postura predominante em toda tradição ocidental, até mesmo na atualidade. Ela chega até nós através do mundo grego e pode ser caracterizada por uma separação e mesmo contraposição entre o material e o espiritual. Por um lado, material e espiritual são tomados como duas realidades completas e autossuficientes: existem independentemente um do outro. O máximo que pode acontecer entre eles é uma *relação* entre *relatos* que em si e por si nada têm a ver um com o outro e que, ademais, terminam se separando um do outro: existe *o* material e existe *o* espiritual – eles podem juntar-se (vida humana), mas terminam separando-se (morte). Essa postura aparece tanto em teorias filosófico-antropológicas (Platão, por exemplo)⁵ quanto no discurso mais espontâneo e convencional (morte como separação da alma do corpo, imortalidade da alma etc.). Por outro lado, material e espiritual são tomados como realidades contrapostas: não são apenas realidades distintas, mas realidades contrapostas, realidades que se opõem uma à outra. O material é de natureza sensível e o espiritual é de natureza intelectual, e a relação entre sensibilidade e inteligência é de oposição.

A segunda tendência ou postura pode ser qualificada como reducionista ou *monista*. Ela tende a reduzir a dualidade material-espiritual a um desses elementos ou aspectos: seja tratando o material como inferior ao espiritual – como passageiro e, em última instância, como algo destituído de realidade (espiritualismo) –, seja tratando o espiritual como uma espécie de reflexo quase mecânico de determinadas condições materiais (materialismo). No primeiro caso, a

dualidade acaba reduzida ao espiritual. O que importa mesmo é o espiritual e, no fim das contas, o espiritual é o único que permanece (imortalidade da alma), já que o material acaba com a morte. No segundo caso, a dualidade acaba reduzida ao material: tudo é matéria, o que comumente se chama espírito não é senão uma propriedade da matéria ou o resultado de determinados processos materiais. Se o dualismo afirma a dualidade material-espiritual separando e opondo matéria e espírito, o monismo reduz essa dualidade a um de seus elementos ou aspectos. Trata-se de uma postura simplista e, por isso mesmo, pouco convincente, sobretudo quando apresentada sem maiores precisões. Em todo caso, nem de longe tem a importância e a repercussão que a postura dualista tem.

A terceira postura ou tendência é a que poderíamos qualificar, com Ignacio Ellacuría, como *estrutural*. Ela afirma a dualidade material-espiritual em sua unidade radical, superando tanto o dualismo quanto o monismo. Material e espiritual não se separam (dualismo) nem se identificam (monismo). Não existe *o* espírito e *a* matéria como realidades independentes e autossuficientes que casualmente se juntam (vida), mas terminam se separando (morte), com o ocaso dessa e a sobrevivência daquele.⁶ O que existe é a realidade humana como realidade complexa *constituída* por uma pluralidade de notas sistematicamente articuladas ou estruturadas e *notificada* por essa mesma pluralidade de notas. Cada uma dessas notas, por mais irreduzível que seja, é nota da realidade humana e só existe em unidade estrutural com as demais notas dessa realidade. Assim, matéria e espírito aparecem como *dimensões* da realidade humana, isto é, como algo que *constitui* essa realidade e, enquanto tal, *mensura-a* sob certo aspecto. Certamente podemos e devemos distinguir essas duas dimensões, mas nunca separá-las. Na realidade concreta que é a vida humana, elas aparecem sempre articuladas uma em função da outra, qualificando essa realidade simultaneamente como material e espiritual. Não existe nenhum espírito passeando por aí como realidade separada da matéria. Sem dúvida a dimensão espiritual

Paulus, 2001. p. 95-114, 318-360. ELLACURÍA, Ignacio.

Espiritualidad. In: *Escritos teológicos IV*. San Salvador: UCA, 2002. p. 47-57 – aqui, p. 48s.

5. Cf. REALE, Giovanni. *História da filosofia antiga II*. São Paulo: Loyola, 1994. p. 185-215. LIMA VAZ, Henrique Cláudio. *Antropologia filosófica I*. São Paulo: Loyola, 1991. p. 35-38.

6. Convém advertir, com Antonio González, que “o Cristianismo não crê na imortalidade da alma, mas na ressurreição dos mortos, algo distinto em princípio. Trata-se, antes de tudo, da sobrevivência do homem inteiro, de sua unidade psico-orgânica completa e não de uma parte insubstantiva da mesma, como é sua psique. Em segundo lugar, ao falar de ressurreição e não de imortalidade,

é irredutível à dimensão material, tem sua especificidade e sua autonomia. Mas essa autonomia é apenas relativa, na medida em que a dimensão espiritual está estruturalmente articulada com outras dimensões e, mesmo, “sustentada por condições ‘não espirituais’, nas quais deve necessariamente encarnar-se e expressar-se e, por sua vez, iluminá-las e transformá-las”.⁷

Uma correta compreensão e articulação do material e do espiritual na vida humana deve evitar, portanto, as tendências e posturas dualistas e monistas, assumindo uma perspectiva estrutural, na qual se afirma simultaneamente a irredutibilidade do material e do espiritual e sua unidade radical. E aqui o espiritual aparece como uma dimensão constitutiva da vida humana e, enquanto tal, como algo que a mensura sob um determinado aspecto.

II – A dimensão espiritual da vida humana

Depois de abordar a espiritualidade como *uma* dimensão da vida humana (irredutível, mas estruturalmente articulada com outras dimensões), é necessário explicitar em que consiste precisamente essa *dimensão espiritual*, qual a sua especificidade diante das outras dimensões. E o faremos a partir da compreensão bíblica: seja por sua abordagem dimensional do espiritual – ainda que não a formule nesses termos –, seja pelo interesse concreto de nossa abordagem de explicitar o especificamente cristão da espiritualidade.

Certamente a Bíblia não oferece um tratado sistemático de espiritualidade. Ela não tem a pretensão de definir rigorosamente o que seja o espiritual da vida humana nem determinar como se dá sua experiência histórica. No entanto, na Bíblia não encontramos outra coisa senão a vivência/experiência mais ou menos consciente, reflexa e elaborada do que estamos chamando aqui de dimensão espiritual da vida humana e que tem a ver fundamentalmente com a experiência de Deus. Como afirma Victor Codina,

o Cristianismo atribui a ação ressurrecional à atuação livre de Deus e não a uma capacidade que a alma tenha por si. [...] em terceiro lugar, a afirmação cristã sobre a ressurreição não é uma tese filosófica, mas um artigo de fé” (GONZÁLEZ, Antonio. *Introducción a la práctica de la filosofía*. San Salvador: UCA, 2005. p. 222).

7. ELLACURÍA, Espiritualidad, p. 48.

a presença do Espírito é uma constante na Bíblia, ainda que sempre de forma difusa e não sistematizada. É como o fio condutor de toda a Palavra de Deus, sem que os autores bíblicos tenham sentido a necessidade de plasmar esta experiência em um sistema dogmático. É, antes de mais nada, uma experiência vital, globalizante e unificadora das diversas dimensões ou etapas da revelação do mistério divino na história da humanidade.⁸

E é a partir dessa experiência bíblica, mais concretamente de sua formulação ou narração, que procuraremos determinar em que consiste o espiritual da vida humana, ou pelo menos identificar suas características mais importantes.

A primeira coisa que chama a atenção nos relatos bíblicos é que o espiritual aparece sempre como uma dimensão da vida humana intrinsecamente vinculada à sua dimensão material. A Bíblia nunca fala do Espírito ou do espiritual como algo independente, separado, muito menos contraposto ao material. Fala sempre da vida concreta em sua totalidade e complexidade, ainda que destacando nela esta dimensão que a vincula mais diretamente a Deus. Daí que a Bíblia sempre fala de Deus a partir de sua experiência por um povo concreto em um tempo, em uma situação e em um lugar concretos; fala da experiência de Deus a partir da vida e da história concretas de um povo (economia, política, cultura, religião etc.). Não é possível separar, nem no Êxodo nem na vida de Jesus Cristo, o que seja o espiritual e o que seja o material, o que seja de Deus e o que seja do mundo etc. O de Deus, o espiritual, materializa-se no Êxodo e na práxis de Jesus Cristo; a materialidade do Êxodo e da práxis de Jesus Cristo, por sua vez, é uma materialidade espiritualmente dinamizada e conduzida pelo Espírito de Deus. Essa unidade fundamental aparece na tradição bíblica como um “pressuposto antropológico básico”, ainda que não esteja suficientemente elaborado e formulado. “Os semitas, tal como outros povos primitivos, veem a realidade de maneira prevalentemente sintética. Embora reconheçam no ser humano vários aspectos ou dimensões, isto é, feito dentro de uma unidade básica.”⁹ A experiência espiritual na

8. CODINA, Victor. “*Não extingais o Espírito*” (1Ts 5,19); iniciação à pneumatologia. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 34s. (Coleção Iniciação teológica.)

9. GARCIA RUBIO, *Unidade na pluralidade*; o ser humano à luz da fé e reflexão cristã, p. 320.

10. Cf. WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1975. LÉON-DUFOUR, Xavier. Alma. In: *Vocabulário de teologia bíblica*. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 36-39. GUILLET, Jacques. Espírito. In: LÉON-DUFOUR, Xavier. *Vocabulário de teologia bíblica*. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 293-304. KOCH, Robert. Espírito. In: BAUER, Johannes. *Dicionário de teologia bíblica I*. São Paulo: Loyola, 1988. p. 364-389. SCHWANTES, Milton. *O Espírito faz história*. São Leopoldo: CEBI/10, 1988. GARCIA RUBIO, *Unidade na pluralidade; o ser humano à luz da fé e reflexão cristã*, p. 320ss. GUTIÉRREZ, *Beber no próprio poço; itinerário espiritual de um povo*, p. 64-81. CODINA,

Sagrada Escritura é, portanto, uma experiência materialmente mediada e possibilitada. A tal ponto que não pode ser separada de sua materialidade, ainda que não possa ser identificada sem mais com ela.

Isso aparece até mesmo nas expressões utilizadas na Escritura para se referir a tal experiência. O que comumente chamamos *espírito* (latim: *spiritus*; grego: *pneuma*; hebraico: *ruah*) manifesta-se aí “através de símbolos fluidos e impessoais”, como “dinamismo de vida e força” (vento, água, fogo, defesa, selo, dedo...) e como “doçura e suavidade penetrante” (perfume, vinho, unção, pomba...)¹⁰ E o que comumente chamamos *alma* (latim: *anima*; grego: *psyche*; hebreu: *nefesh*) designa aí tanto garganta e pescoço (necessários para a ingestão de alimentos e para a respiração) quanto a sede do desejo e de outros sentimentos, quanto, ainda, a própria vida ou o ser vivente.¹¹ Em ambos os casos, trata-se da vida humana em sua totalidade, considerada do ponto de vista de seu dinamismo vital e de sua relação com Deus. Nada mais estranho à mentalidade e ao vocabulário bíblicos do que a oposição matéria X espírito, corpo X alma. Como bem afirma Yves Congar, “se o mundo de cultura grega pensa em categorias de substância, o judeu pensa em força, energia, princípio de ação. O espírito-sopro é aquele que age e faz agir e, quando se trata do Sopro de Deus, anima, faz agir para realizar o desígnio de Deus. É sempre uma energia de vida”. E nesse contexto faz referência à afirmação/interrogação do Cardeal Daniélou – segundo ele, “um tanto carregada no tocante à oposição entre o grego e o hebraico, mas interessante e pedagogicamente bem-sucedida”:

Quando falamos de “espírito”, quando dizemos que “Deus é espírito”, o que queremos dizer? Falamos grego ou hebraico? Se falamos grego, dizemos que Deus é imaterial etc. Se falamos hebraico, dizemos que Deus é um furacão, uma tempestade, um poder irresistível. Daí todas as ambiguidades quando se fala de espiritualidade. A espiritualidade consiste em se tornar imaterial ou em ser animado pelo Espírito Santo?¹²

E aqui aparece mais explicitamente o outro traço ou a outra característica fundamental da dimensão espiritual da vida humana na Bíblia. Ela diz respeito não apenas a seu *dinamismo vital* (vida, ação), mas também à sua *relação com Deus* (criação, salvação) ou, mais precisamente, ela se refere ao *dinamismo vital enquanto dom de Deus*. Daí por que a expressão espiritual pode se referir tanto à vida humana (espírito humano) quanto a Deus (Espírito Santo), quanto a ambos ao mesmo tempo (Espírito de Deus como princípio e fonte do dinamismo vital). É o Espírito de Deus que dá vida, que revela seus desígnios e que faz agir de acordo com eles. Nas Escrituras hebraicas (Antigo Testamento), o Espírito tem a ver com a criação, com a profecia e com a sabedoria; designa a “ação e presença permanente de Deus na criação e na história” (cria, liberta e penetra os corações); “é uma força misteriosa que, a partir de dentro e de maneira sutil, tudo penetra e ilumina, purifica e santifica, vivifica e dá consistência definitiva”;¹³ diz respeito ao dinamismo vital e à ação vivificante de Deus ou ao próprio Deus; é simultaneamente espírito humano e Espírito divino. Nas Escrituras cristãs (Novo Testamento), o Espírito tem a ver fundamentalmente com Jesus Cristo e com a vida cristã: diz respeito ao dinamismo vital/acional de Jesus Cristo e dos cristãos, enquanto *figurados* ou *conformados* a ele. O caráter mais fluido e impessoal das imagens que, sobretudo nas Escrituras hebraicas, evocam a presença e ação do Espírito (vento, sopro, fogo, água, força etc.) ganha na vida de Jesus de Nazaré tal concreção e densidade que a constitui critério e medida de discernimento de sua presença e ação no mundo. O Espírito (tanto no que tem de dinamismo vital quanto no que tem de Deus) aparece aqui como Espírito de Jesus Cristo. “Por isso, para conhecer e discernir um Espírito é preciso constatar se conduz a Jesus ou não”.¹⁴ Sobre isso já insiste a primeira Carta de São João:

Queridos, não vos fieis de qualquer espírito; ao contrário, comprovai se os espíritos veem de Deus; pois muitos falsos profetas vieram ao mundo. Nisto reconhecereis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne mortal,

“*Não extingais o Espírito*” (1Ts 5,19); iniciação à pneumatologia, p. 23-32. CONGAR, Yves. *Revelação e experiência do Espírito*. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 1788. (Coleção Crer no Espírito Santo, n. 1.)

11. CODINA, “*Não extingais o Espírito*” (1Ts 5,19); iniciação à pneumatologia.

12. Cf. WOLFF, *Antropologia do Antigo Testamento*, p. 21-41. GARCIA RUBIO, *Unidade na pluralidade*; o ser humano à luz da fé e reflexão cristã, p. 320s.

13. CONGAR, *Revelação e experiência do Espírito*, p. 18. “O que separa radicalmente a concepção bíblica da unidade do homem de qualquer forma de dualismo ontológico é o fato de que a linguagem bíblica sobre o homem não se refere a *naturezas* que nele

vem de Deus; todo espírito que não confessa Jesus não vem de Deus, mas do Anticristo (cf. 1Jo 4,1-3).

Assim, a vida concreta de Jesus de Nazaré se apresenta como a expressão por antonomásia e como o critério e a medida da unidade entre o espírito humano e o Espírito Santo, ou seja, do *dinamismo vital enquanto dom de Deus*. De modo que, se o Espírito de Deus tem a ver fundamentalmente com Jesus Cristo, deve dinamizar nossa vida como dinamizou a vida de Jesus Cristo: portanto, é de Deus se faz em nossa vida/carne o que fez na vida/carne de Jesus. Por essa razão, a espiritualidade cristã não é outra coisa senão viver segundo o Espírito de Jesus, isto é, seguir seus passos, viver como ele viveu.

A *dimensão espiritual da vida humana* tem a ver, desse modo, com seu dinamismo vital (espírito humano) e com a fonte ou o princípio desse dinamismo (Espírito de Deus). Por um lado, ela *diz respeito ao dinamismo vital*, isto é, à vitalidade, ao caráter ativo, ao instinto, à força, à energia, aos impulsos, às motivações, às paixões, aos projetos, aos sonhos etc. que fazem da realidade humana uma realidade viva/ativa, uma realidade aberta, transcendente, dinâmica, inacabada, em realização... – para além de todo materialismo, imediatismo e determinismo. Por outro lado, ela *diz respeito à fonte ou ao princípio desse dinamismo*, isto é, trata o dinamismo vital como dom/grança de Deus – para além de todo imanentismo e de toda autossuficiência. É Deus que, mediante seu Espírito vivificante, dá a vida e faz agir; é ele que impulsiona e orienta a ação segundo a justiça, de modo a conservar e promover a vida, sobretudo dos fracos e oprimidos; é ele que mantém a vida das pessoas e a história dos povos permanentemente aberta, em constante transcendência, impedindo que qualquer acontecimento ou situação tenha a última palavra; por fim, é ele que nos faz superar todos os limites, até mesmo a morte, mantendo viva nossa esperança contra todas as evidências e mesmo contra toda esperança: “a esperança é a última que morre” e “se morrer, ressuscita”, lembra Casaldáliga.

se oponham, mas a *situações* existenciais que traduzem as vicissitudes do seu itinerário em confronto permanente com a iniciativa salvífica de Deus e com sua Palavra. Assim, o homem é ‘carne’ (*basar*) na medida em que se revela a fragilidade e a transitoriedade de sua existência; é ‘alma’ (*nefesh*) na medida em que a fragilidade é compensada, nele, pelo vigor da sua vitalidade; é ‘espírito’ (*ruah*), ou seja, manifestação superior da vida e do conhecimento,

É na medida em que experimentamos nosso dinamismo vital como algo que nos constitui e que nos é dado (para além do que queiramos e do que fazamos) e que o vivemos segundo o dinamismo de Jesus de Nazaré que o experimentamos como dom de Deus e, conseqüentemente, como participação em sua vida, como comunhão com ele. Se é verdade que “esta espiritualidade não se explica sem a presença operativa do Espírito”, também é verdade que

este Espírito não é percebido nem crido realmente senão a partir de uma espiritualidade viva, a partir do que é sua presença operativa no coração do homem, na comunidade cristã e, ainda, na institucionalidade da Igreja e na marcha da história. São as palavras e os acontecimentos novos, os comportamentos inesperados e anormais que levantam a pergunta de quem os impulsiona e como os inspira.¹⁵

E é aí onde a dimensão espiritual que nos constitui se revela como abertura, dinamismo, transcendência e, em última instância, comunhão ou ruptura com Deus.

III – *Espiritualidade cristã*

Vimos que a espiritualidade é uma dimensão constitutiva da vida humana e que esta dimensão tem a ver precisamente com nosso dinamismo vital e, por ele, com nossa relação com Deus, em comunhão ou em ruptura. Quando falamos de espiritualidade cristã, falamos desse mesmo dinamismo vital em comunhão com Deus, tal como se deu na vida/práxis de Jesus de Nazaré.

Nas Escrituras cristãs (Novo Testamento), como já indicamos, o Espírito aparece sempre vinculado a Jesus Cristo: é Espírito de Cristo (cf. Rm 8,9; cf. Fl 1,19), Espírito do Senhor (cf. 2Cor 3,17), Espírito do Filho (cf. Gl 4,6). Sua missão não é outra senão ensinar e recordar tudo o que Jesus disse (cf. Jo 14,26), dizer e explicar o que ouviu/recebeu de Jesus (cf. Jo 16,13-14), dar testemunho de Jesus (cf. Jo 16,26). “Do ponto de vista do conteúdo, não há autonomia

pela qual o homem pode entrar em relação com Deus; finalmente, é ‘coração’ (*leb*), ou seja, o interior profundo do homem, onde têm sua sede afetos e paixões, onde se enraízam inteligência e vontade e onde têm lugar o pecado e a conversão a Deus” (LIMA VAZ, Henrique Cláudio. *Antropologia filosófica I*. São Paulo: Loyola, 1991. p. 61).

14. *Ibid.*, p. 32.

15. ELLACURÍA, Espiritualidad, p. 50.

e muito menos disparidade de uma obra do Espírito em relação à de Cristo”.¹⁶ Não por acaso “um grande número de efeitos são atribuídos indiferentemente a Cristo e ao Espírito” e “as fórmulas ‘em Cristo’ e ‘no Espírito’ são utilizadas muitas vezes indiferentemente uma pela outra”.¹⁷ E não por acaso a vida/carne de Jesus de Nazaré é apresentada como o critério fundamental e definitivo de discernimento dos espíritos (cf. 1Jo 4,1-3). De modo que “ninguém, movido pelo Espírito de Deus, pode dizer: maldito seja Jesus! E ninguém pode dizer: Senhor Jesus! se não é movido pelo Espírito Santo” (cf. 1Cor 12,3). O Espírito de Deus é, portanto, inseparável da vida/práxis de Jesus de Nazaré. Ela é o lugar por excelência de sua manifestação/revelação.

Daí por que falar de espiritualidade, na perspectiva cristã, não seja outra coisa senão falar da experiência do Espírito de Jesus de Nazaré: viver como ele viveu e do que ele viveu, isto é, *configurar* ou *conformar* a própria vida à sua vida. Numa palavra: viver segundo seu Espírito. Do ponto de vista cristão, diz Ellacuría,¹⁸ homens espirituais são aqueles que estão cheios do Espírito de Cristo, e o estão de uma maneira viva e constatável, pois a força e a vida desse Espírito invade sua pessoa e sua ação;

espirituais não são, então, os que fazem muitas práticas “espirituais”, mas os que, cheios do Espírito [de Jesus de Nazaré], alcançam seu ímpeto criador e renovador, sua superação do pecado e da morte, sua força de ressurreição e de mais vida; os que alcançam a plenitude e a liberdade dos filhos de Deus, os que inspiram e iluminam os demais e os fazem viver mais plena e livremente.¹⁹

Trata-se, pois, de uma dinâmica de vida, de um modo de viver, de um jeito de configurar a vida no qual transparece e se historiciza/encarna a força e o poder criador e salvador de Deus, tal como se deu na vida/carne de Jesus. Por isso, quando Paulo fala de *vida no Espírito*, dos *frutos do Espírito* (cf. Gl 5,22s; cf. 2Cor 6,6s; cf. Rm 8,5ss; 14,17), fala fundamentalmente de ação, de modos de relação, de valores etc. E quando os Evangelhos falam do *pecado contra o Espírito Santo*

16. CONGAR, *Revelação e experiência do Espírito*, p. 61.

17. Ibid. Ele indica alguns textos onde isso aparece mais explicitamente: 2Cor 5,21 – Rm 14,17; Gl 1,17 – 1Cor 6,11; Rm 8,1.10 – Rm 8,9; Fl 3,1 – Rm 14,17; Rm 8,39 – Cl 1,8; Ef 4,7 – Rm 14,17; 1Cor 1,2.30 – Rm 15,16 / 2Ts 2,13; 2Cor 2,17 – 1Cor 12,3; Cl 2,10 – Ef 5,18; Rm 12,5 / Gl 3,27 – 1Cor 12,13; Ef 2,21 – Ef 2,22.

18. ELLACURÍA, *Espiritualidad*, p. 49.

19. Ibid.

(Mc 3,29; Mt 12,32; Lc 12,10), falam fundamentalmente do fechamento e da rejeição à ação de Deus em Jesus de Nazaré, atribuindo sua origem a Satanás.²⁰

Por essa razão, para falarmos da espiritualidade cristã é necessário, antes de mais nada, voltarmos para a vida concreta de Jesus de Nazaré, explicitando sua estrutura e seu dinamismo fundamentais. Só então, e confrontando essa estrutura e essa dinâmica de vida com a estrutura e a dinâmica de nossa vida, poderemos afirmar se e em que medida vivemos uma espiritualidade autenticamente cristã. E para além de todo discurso e de toda confissão explícita de fé.

No que diz respeito à vida concreta de Jesus de Nazaré, ao seu dinamismo vital, à sua práxis, enfim, à sua vivência espiritual, ela tem a ver fundamentalmente com sua interação/relação com as demais pessoas e com Deus. E isso numa tal unidade que uma é inseparável da outra. O Espírito de Jesus, diz Ellacuría, se refere tanto “ao Deus que Jesus confessa como seu Pai” quanto “ao modo como Jesus estabelece sua relação com Deus na realização de sua vida e na práxis de sua missão”.²¹ Jesus age movido pela e na força do Espírito e nessa ação no Espírito é obediente e fiel a Deus como um filho é obediente e fiel ao seu Pai. De modo que tanto sua ação salvífica (Reinado de Deus) quanto sua relação com o Pai (filiação) dá-se no Espírito Santo.

Por um lado, Jesus age movido e na força do Espírito Santo: “O Espírito do Senhor está sobre mim, pois ele me ungiu para anunciar a Boa-Nova aos pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e, aos cegos, a recuperação da vista; para dar liberdade aos oprimidos e proclamar um ano aceito da parte do Senhor” (cf. Lc 4,18s); “Deus ungiu com Espírito Santo e poder a Jesus de Nazaré, que passou fazendo o bem e curando todos os possuídos pelo diabo, porque Deus estava com ele” (cf. At 10,38). É o Espírito que dinamiza e conduz a vida de Jesus, e o faz de um modo muito concreto. Ao lermos as Escrituras, sobretudo os Evangelhos, somos imediatamente confrontados com a bondade e a misericórdia de Jesus para com os pobres, os órfãos, as viúvas e os estrangeiros. Ele aparece, antes de

20. Cf. CODINA, “*Não extingais o Espírito*” (1Ts 5,19); iniciação à pneumatologia, p. 227-230.

21. ELLACURÍA, Ignacio. La Iglesia que nace del pueblo por el Espíritu. In: *Escritos teológicos II*. San Salvador: UCA, 2000. p. 343-355 – aqui, p. 350.

mais nada, como uma pessoa boa, verdadeira, misericordiosa e justa: cura os doentes (cegos, surdos, coxos, leprosos...); liberta muitas pessoas do poder dos espíritos maus; acolhe pessoas consideradas pecadoras (publicanos, prostitutas, fariseus, samaritanas); senta-se à mesa e come com pecadores e desprezados; denuncia autoridades religiosas e políticas; relativiza a lei e o templo; afronta costumes e tradições que impedem ou dificultam a prática do bem e excluem pobres e fracos; iguala o amor a Deus ao amor ao irmão; estabelece as necessidades da humanidade sofredora como critério e medida de participação/exclusão na vida eterna, no Reinado de Deus (cf. Lc 10,25-37; cf. Mt 25,31-46). E faz tudo isso em nome de Deus. Mais. Reconhece nessas práticas a ação mesma de Deus, a chegada de seu Reinado, o poder e a força de seu Espírito.

Por outro lado, ao se deixar conduzir pelo Espírito de Deus, agindo segundo seu dinamismo, sua força e seu poder, Jesus revela tanto o Deus em quem crê quanto o modo como ele se relaciona com esse Deus.

1. O *Deus em quem Jesus crê*, a quem ele entrega sua vida, manifesta-se no modo como ele vive: ao agir com bondade e com misericórdia para com os caídos à beira do caminho, revela um Deus bondoso e misericordioso; ao acolher pessoas consideradas impuras e pecadores, revela um Deus que é perdão e gratuidade; ao socorrer as pessoas em suas necessidades e ao defender o direito dos pequenos e oprimidos, revela um Deus que é justiça; ao fazer suas necessidades da humanidade sofredora, revela um Deus parcial e partidário dos pobres e oprimidos deste mundo; e assim por diante. Ora, se o Espírito de Deus age em e através de Jesus (cf. Lc 4,18s), ou se Jesus age na força e no poder do Espírito de Deus (cf. Mt 12,28), através de sua ação temos acesso a Deus e sabemos quem ele é. Conhecemos a Deus porque o vimos agir em Jesus. E em Jesus Deus age como um Pai atento às necessidades e aos clamores de seus filhos:²² “Quem me vê, vê aquele que me enviou” (Jo 12,45; cf. 14,7.9); “Eu e o Pai somos um” (Jo 10,30).

22. CF. MUÑOZ, Ronaldo. *Trindade de Deus amor oferecido em Jesus, o Cristo*. São Paulo: Paulinas, 2002. p. 28ss

2. Com esse Deus Jesus estabelece uma *relação filial*. Relaciona-se com ele como um filho se relaciona com seu pai. E num duplo sentido. Por um lado, como insiste o Evangelho de João, Jesus vem de Deus e sua vida consiste em fazer a vontade do Pai (cf. Jo 5,30). Por outro lado, é obediente e fiel a Deus até a morte, e morte de cruz (cf. Fl 2,8). Na verdade, só quem experimenta a vida como dom e missão, só quem não é autossuficiente e egoísta, só quem não se basta a si mesmo pode viver como filho, isto é, como quem sabe que não vem de si mesmo, que não tem em si mesmo a origem e o centro da própria vida e, conseqüentemente, que não pode viver para si. Viver como filho é viver segundo a vontade de Deus, sendo obediente e fiel aos seus desígnios.

Estes dois aspectos da vida espiritual de Jesus – sua ação salvífica e sua relação filial – implicam-se e condicionam-se mutuamente: em sua ação (realização do Reinado de Deus), Jesus revela o Deus em quem crê (Pai) e é fiel e obediente a ele (Filho); o Deus em quem Jesus crê (Pai) se manifesta precisamente em sua vida/ação (Reinado de Deus). Como bem afirma Gonzalez Faus,

o reino dá a razão de ser de Deus como *Abba* e a paternidade de Deus dá fundamento e razão de ser do reino [...]. A experiência desta vinculação *Abba*-reino [...] constitui toda a chave daquilo que parece que Jesus pessoalmente vivia, constitui todo o horizonte daquilo que Jesus quis pregar e constitui todo o sentido do discipulado que, para Jesus, parece não ser mais do que uma introdução a esta experiência.²³

E com isso voltamos ao cerne da problemática da espiritualidade cristã, enquanto experiência do Espírito de Jesus Cristo. Ela tem a ver com nossa relação com Deus (Pai/filho) e com os irmãos (salvação/fraternidade): “o Espírito Santo, que guiou o caminho histórico de Jesus para o Pai, realiza em nós [...] o que realizou nele. Faz que vivamos na filiação em relação a Deus e na fraternidade em relação aos homens”.²⁴ E diz respeito à totalidade da nossa vida: todas as dimensões e todos os aspectos de nossa vida devem ser

23. GONZALEZ FAUS, José Ignacio. *Acesso a Jesus*; ensaio de teologia narrativa. São Paulo: Loyola, 1981. p. 36.

24. LADÁRIA, Luis F. *Introdução a antropologia teológica*. São Paulo: Loyola, 1998. p. 122s.

conformados ou configurados a Jesus, isto é, devem ser vividos segundo o seu Espírito – na força e no dinamismo de seu Espírito, que é o Espírito de Deus. Daí por que a espiritualidade cristã não possa ser tratada como um departamento da vida, muito menos reduzida a determinadas práticas ditas religiosas ou espirituais.

Embora não possamos oferecer aqui um tratamento adequado nem sequer um esboço suficientemente abrangente da espiritualidade cristã, indicaremos ao menos algumas dimensões e alguns aspectos que merecem uma atenção e um cuidado especial dos cristãos no cultivo e no dinamismo da dimensão espiritual de suas vidas.

1. Ela diz respeito tanto à *dimensão individual* quanto à *dimensão social* da nossa vida. Ambas devem ser vividas segundo o Espírito de Jesus Cristo. A espiritualidade não pode jamais ser reduzida ao âmbito da individualidade, como se ela não tivesse nada a ver com o modo como nos vinculamos uns aos outros e *inter*-agimos e com o modo como organizamos e regulamos nossa vida coletiva. Tampouco pode ser reduzida ao âmbito social, como se fosse possível uma sociedade nova com pessoas velhas. Daí por que, em se tratando de vida cristã, isto é, da *configuração* ou *conformação* de nossa vida a Jesus Cristo, sejam necessárias tanto a *conversão do coração* (âmbito da individualidade) quanto a *transformação das estruturas da sociedade* (âmbito social) – pessoas novas e sociedade nova, ambas renascidas/recriadas na força e no dinamismo do Espírito de Jesus Cristo.

2. Tem uma dimensão de *interioridade* e uma dimensão de *exterioridade*. Certamente a espiritualidade é algo que diz respeito ao mais profundo e ao mais íntimo de nossa vida. Conformar-a ou configurar-a por dentro, para além de toda aparência e superficialidade. Mas não é por isso que deixa de ser algo visível e palpável, algo que se exterioriza. Pelo contrário, ela toma corpo, materializa-se, encarna-se no cotidiano de nossas vidas. E é aqui, precisamente, que se pode discernir o espírito que anima/dinamiza/conduz nossa vida: pelos frutos conhece-se a árvore (cf. Lc 6,43s); a fé se mostra pelas obras (cf. Tg 2,18). Para saber se vivemos

segundo o Espírito de Jesus Cristo precisamos ver se vivemos como ele viveu, se agimos como ele agiu, se produzimos os frutos que ele produziu. Os discursos espirituais intimistas (pura interioridade) são, no fundo, uma maneira muito sutil de ofuscar o verdadeiro espírito que anima e dinamiza nossa vida.

3. Na medida em que a espiritualidade tem a ver com o nosso dinamismo vital, com o jeito como vivemos, ela diz respeito tanto ao modo como sentimos e os sentimentos que alimentamos quanto às decisões que tomamos. Envolve, portanto, *sentimento* e *decisão* como momentos constitutivos da ação humana: os sentimentos condicionam e interferem nas decisões, mas podem ser modificados/convertidos mediante decisões. As decisões são condicionadas pelos sentimentos, mas podem alterá-los e adequá-los a seus projetos. Daí por que a configuração de nossa vida a Jesus Cristo implique tanto ter os mesmos sentimentos que ele tinha (cf. Fl 2,5; cf. Mt 14,14) quanto agir como ele agia (cf. 1Jo 2,6). É porque sentia compaixão e misericórdia pelos caídos que se dedicava a curar suas feridas (cf. Lc 10,25-37). Quando as opções/decisões não convertem os sentimentos a seus projetos, acabam, mais cedo ou mais tarde, sendo vencidas por eles ou degenerando-se em ativismo.

4. Enquanto *conformação* ou *configuração* de nossa vida a Jesus Cristo, a espiritualidade tem um momento de *opção pessoal* intransferível e irrecusável. Não é algo natural: ninguém nasce cristão; torna-se cristão mediante uma opção. Ninguém é obrigado a viver como Jesus viveu. Esta é uma possibilidade, mas uma possibilidade que só se efetiva na medida em que alguém opta por ela e se apropria dela. Além do mais, trata-se de uma *opção condicionada* pelas circunstâncias e situações individuais e coletivas que nos tocam viver. Afinal, a espiritualidade não é outra coisa senão um modo concreto de viver a *nossa* vida. No caso da espiritualidade cristã, trata-se de viver a *nossa* vida segundo o Espírito de Jesus de Nazaré. E é isto que faz com que a espiritualidade cristã esteja sempre referida à vida concreta de Jesus de Nazaré e à vida concreta de seus seguidores.

25. Cf. PANNENBERG, Wolfhart. *Grundfragen systematischer Theologie*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1967. p. 235.

26. “Com a integração da Igreja no Império Romano no século IV, a ideologia imperial entrou profundamente na teologia oficial da corte e influenciou grandes setores da Igreja, sobretudo no Oriente. Cristo foi representado como Imperador e Deus era o Superimperador. Os atributos do poder foram destacados com muita força. A ideologia imperial teve muita influência nas liturgias cristãs e ela ainda sobrevive nas liturgias atuais” (COMBLIN, José. O pobre: critério para a profecia. In: OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de (org.). *Opção pelos pobres no século XXI*. São Paulo:

5. A vida espiritual não se opõe à atividade intelectual; espírito não é sinônimo de ignorância nem o Espírito Santo pode ser tratado como “asilo de ignorância”,²⁵ a quem apelamos quando não compreendemos ou não conseguimos explicar algo. A *inteligência* é um momento fundamental de nossa vida espiritual que deve ser vivida com lucidez e criticidade. O cristão não pode renunciar jamais à tarefa de dar razão de sua fé (cf. 2Tm 1,12). É claro que não se deve cair na tentação intelectualista/racionalista que, além de depreciar o sentimento e negar o que não consegue explicar, acaba reduzindo a espiritualidade à confissão de doutrinas. Mas é preciso ficar muito alerta contra a tentação sentimentalista e fundamentalista que, além de opor sentimento e inteligência e acentuar unilateralmente o sentimento em prejuízo da inteligência, transforma a fé num ato irracional ou numa atitude de pessoas ignorantes.

6. Profundamente vinculada à dimensão intelectual da vida espiritual está sua *expressão simbólico-ritual-litúrgica*. Aqui é onde ela se expressa de modo mais explícito e intenso. Daí por que a tentação constante a identificar e reduzir a vida espiritual à sua expressão e celebração simbólico-ritual. Quantas vezes ouvimos falar em encontros pastorais e mesmo em movimentos populares de “momento da espiritualidade” ou “momento da mística”, como se espiritualidade e mística fossem sinônimo de oração, ritos, símbolos, dinâmicas etc. Sem falar que muitas dessas expressões simbólico-rituais utilizadas pelos cristãos e suas comunidades expressam muito pouco (quando não o contrário) o dinamismo de vida de Jesus de Nazaré e o Espírito que o anima e conduz. Valeria a pena confrontar a “estética” palaciana de nossas liturgias (altar-cátedra, vestimentas e objetos litúrgicos, títulos, Deus todo-poderoso etc.)²⁶ com a “estética” evangélica da vida de Jesus (Belém, lava-pés, Calvário, Deus todo misericordioso etc.).

7. Por fim, há um aspecto fundamental e decisivo na espiritualidade cristã que, embora nunca se tenha perdido completamente na tradição da Igreja, foi redescoberto e reafirmado de modo particular pela Igreja Latino-americana e

sua Teologia da Libertação: a *centralidade dos pobres e oprimidos*. É o Espírito que conduz Jesus aos pobres e oprimidos deste mundo e é na força e no poder do Espírito que Jesus age em favor dos pobres e oprimidos. A ação do Espírito, tal como se dá na vida de Jesus de Nazaré, está de tal modo vinculada às necessidades dos pobres e oprimidos que eles se tornam critério e medida de nossa comunhão com Jesus e com o Pai e, assim, de nossa participação na vida eterna (cf. Lc 10,25-37), no Reinado de Deus (cf. Mt 25,31-46). Como diz *São Romero da América*, “há um critério para saber se Deus está perto ou distante de nós: todo aquele que se preocupa com o faminto, com o desnudo, com o pobre, com o desaparecido, com o torturado, com o prisioneiro, com toda essa carne que sofre, está perto de Deus”.²⁷ Nesse sentido, compreende-se bem a afirmação escandalosa de Jon Sobrino: “Fora dos pobres não há salvação”.²⁸ E aqui, precisamente, reside o maior escândalo, perigo e desafio da vida cristã.

A modo de conclusão: a espiritualidade cristã como seguimento de Jesus Cristo

Conforme vimos no item anterior, a espiritualidade cristã tem a ver, fundamentalmente, com a *experiência do Espírito de Jesus Cristo: viver segundo o seu Espírito*, o que significa *viver como ele viveu e do que ele viveu*. Trata-se, portanto, de um modo concreto de viver e dinamizar a própria vida, conformando-a ou configurando-a a Jesus de Nazaré.

É neste sentido que se pode e se deve falar da espiritualidade cristã como *seguimento de Jesus Cristo*: seguir seus passos, prosseguir sua missão, atualizar seu modo de vida. “Seguir a Jesus é *pro*-seguir sua obra, *per*-seguir sua causa e *con*-seguir sua plenitude.”²⁹ Isso é o que significa viver segundo seu Espírito. E é nisso, precisamente, que consiste a vida cristã. Jon Sobrino chega, mesmo, a tomar o “seguimento de Jesus” como a “fórmula breve do cristianismo”,³⁰ como “sinônimo de totalidade da vida cristã”.³¹

Paulinas, 2011. p. 181-201 – aqui, p. 190. [Coleção Cidadania.].

27. ROMERO, Mons. Oscar. *Su pensamiento III*. San Salvador: UCA, 2000. p. 194. “Deus quis se identificar de tal maneira com o pobre que os méritos de cada um e de uma civilização serão medidos pelo trato que tenhamos para com o necessitado e o pobre” (ibid.).

28. Cf. SOBRINO, Jon. *Fora dos pobres não há salvação*; pequenos ensaios utópico-proféticos. São Paulo: Paulinas, 2010.

29. BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*. Petrópolis: Vozes, 1991. p. 35.

30. SOBRINO, Jon. Seguimento de Jesus. In: FLORISTÁN-SAMANES, Cassiano; TAMAYO-ACOSTA, Juan-José. *Diccionario de conceitos*

592

fundamentais do Cristianismo. São Paulo: Paulus, 1999. p. 771-775 – aqui, p. 771. Sobre o seguimento de Jesus em Jon Sobrino, cf.: BOMBONATTO, Vera Ivanise.

Seguimento de Jesus: uma abordagem segundo a cristologia de Jon Sobrino. São Paulo: Paulinas, 2002.

Id. O seguimento de Jesus: categoria cristológica. In: SOARES, Afonso Maria Ligorio (org.). *Dialogando com Jon Sobrino*. São Paulo: Paulinas, 2009. p. 21-52.

31. SOBRINO, Jon. Espiritualidade e teologia. In: *Espiritualidade da libertação*; estrutura e conteúdos. São Paulo: Loyola, 1992. p. 59-96 – aqui, p. 67.

32. ELLACURÍA, Ignacio. Esbozo para una carta pastoral. In: *Escritos teológicos II*, p. 623-661 – aqui, p. 642.

Se o Espírito de Jesus se manifesta no modo concreto como ele viveu, só na medida em que o seguimos, isto é, em que vivemos como ele viveu, em que reproduzimos/atualizamos seu modo de vida (seguimento) podemos afirmar que vivemos segundo seu Espírito (espiritualidade). E não há, aqui, nenhum reducionismo ativista e/ou imanentista. Afinal, “se o caminho de Deus aos homens é Jesus de Nazaré, o caminho do homem a Deus é o seguimento desse mesmo Jesus de Nazaré”.³² De modo que a *espiritualidade cristã* nada mais é que *seguimento de Jesus Cristo*.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Em que consiste propriamente a dimensão espiritual da vida humana?
2. Quais são os dois aspectos fundamentais da vida espiritual de Jesus de Nazaré?
3. A espiritualidade cristã diz respeito ao seguimento de Jesus de Nazaré: viver segundo seu Espírito, viver como ele viveu. Em que sentido e até que ponto vivemos (individual e comunitariamente) como Jesus viveu e, portanto, somos cristãos?

VICTORIANO BAQUERO, SJ*

Pessimismo, um grande perigo

No famoso tripé da Ação Católica – *ver, julgar e agir* –, há uma ausência vital, que é o *sentir*. O *sentir* é a força que movimenta a atividade do ser humano, e também da Vida Religiosa Consagrada. E o fruto do sentir é o agir humano. Lersch¹ é o primeiro psicólogo que inicia sua obra da personalidade pelo sentir e não pelo conhecer. É o sentir que nos torna personalidades positivas ou negativas, otimistas ou pessimistas. O pessimismo é o sentimento mais perigoso no mundo em geral e na Vida Consagrada em particular; é surto que invade o mundo da atualidade. Depende, em certo modo, de nós vivermos alegres ou deprimidos. A depressão é uma das doenças mais frequentes na Modernidade. Que é que leva o mundo atual a cair no abismo da afetividade negativa? Em vista dos avanços científicos, deveria ser o contrário? A Vida Consagrada vive neste mundo, que se apresenta hoje como o melhor dos mundos possíveis. Nós criamos o “mundo cão”, mas também o mundo cristão.

O problema da VRC nos dias de hoje depende, em grande parte, da vida afetiva satisfeita ou insatisfeita. No meu livro *Otimismo: vida! Pessimismo: morte!*, apresento alguns modos de focalizar o mundo atual. Nele tento descobrir o lado positivo da vida para que esta seja realizada e satisfeita.

Aqui na revista *Convergência* publiquei, faz muitos anos, “Afetividade em casos”, tratando sobre este mesmo tema

* **Victoriano Baquero** é padre jesuíta. Doutor em Psicologia, fundador da Faculdade de Psicologia da Universidade Católica de Goiânia-GO e da Equipe de Reflexão Psicológica (ERP) da CRB Nacional, escritor e terapeuta.
Endereço do autor: SGAN L 2 Norte, Quadra 601-B, CEP 72839-010, Brasília-DF.

1. LERSCH, Philipp. *La estructura de la personalidad*. p. 77-262. Entusiasmo originário do grego: *em teós* = em Deus. A presença de Deus dá ânimo. Deus, fonte do bem.

a partir do estudo de situações bem concretas. O(a) Religioso(a), depois da Profissão Religiosa, Votos Temporários ou Perpétuos, cai nas malhas afetivas de um tentador. Ora, mas a Profissão Religiosa não significa que a vida afetiva desapareça da pessoa. A distância entre jovens que entram na Vida Consagrada e Religiosos(as) do passado é tão diferente que dificulta a convivência entre as duas gerações, o que interfere na vida afetiva. Este, aliás, foi o tema do último Congresso de Psicologia promovido pela CRB Nacional, em outubro passado: “Diferentes gerações na VRC hoje: desafios e perspectivas”.

Sabemos que o(a) Consagrado(a) que critica permanentemente os membros da Comunidade é um(a) candidato(a) a sentir-se afetivamente insatisfeito. Criticar é uma forma de abeberar-se do negativo, e deste negativo nunca surgirá afeto positivo. Persistir em criticar é sinônimo de enterrar-se em sentimentos negativos que corroem o interior do coração. Na verdade, só a atitude de descobrir valores nas pessoas com quem se convive modificará os estados afetivos negativos.

Repetimos mais uma vez: Religioso(a) que não vê mais sentido algum na Vida Consagrada é um candidato(a) a sentir-se triste, isolado, desanimado, sem entusiasmo pelo que faz, sem gosto algum pela sua missão. Sem dúvida, será pessoa que vê a Vida Consagrada sempre pelo lado negativo, julgando a tudo e a todos somente a partir dos aspectos mais pecaminosos. Assim, ele(a) é candidato(a) permanente ao pessimismo que tanto faz sofrer as pessoas que o alimentam, como também a Comunidade onde se vive. Apesar de tudo, só existe uma saída: esforçar-se por descobrir o que há de bom nas pessoas que convivem conosco. Somente descobrindo os lados bons e positivos da Vida Consagrada é que o(a) consagrado(a) poderá sair do abismo terrível da insatisfação afetiva.

O sentir é ponto de partida para perceber as imagens e sensações que habitam na mente. Quando uma pessoa se achar invadida por sentimentos negativos, pare: semáforo

vermelho. Focalize a imaginação e verá como pululam imagens de tipo negativo e destrutivo. Aprendamos a arte de mudar “slides”. Se colocar na mente imagens positivas, de alegria, sentirei, imediatamente, sentimentos de alegria. Se alimentar imagens negativas, sentirei, imediatamente, sentimentos de tristeza e desânimo. Somos nós que criamos o teor de nossa vida afetiva. A Vida Consagrada se alicerça na fé, esperança e caridade.

Monotonia e solidão

Situações que mortificam a vida afetiva humana. Monotonia das atividades. A vida profissional, por si, é repetição de atividades iguais ou semelhantes. Essa condição gera, ao longo da vida, o sentimento de monotonia. Daí vemos os funcionários públicos e particulares buscarem o lazer no final da semana, às vezes até com um certo exagero. Uma vida de atividades repetitivas cria sensação de monotonia. Tal situação gera sentimentos muito negativos. Os dias de lazer são uma solução para superar o cansaço da monotonia semanal. A VRC tem muitas atividades que podem gerar monotonia e, conseqüentemente, uma insatisfação. A monotonia exige “politonia”, isto é, mudar de afazeres. As festas anuais – Natal, Quaresma, Páscoa –, ou do(a) Padroeiro(a), Fundador(a), por exemplo, são modos de mudar, mas, às vezes, não são suficientes. A Vida Religiosa tem, por sua própria programação diária, rotinas que a longo prazo podem gerar uma certa monotonia. A pessoa tem necessidade de mudar de imagens e de panoramas. As repetidas imagens da residência, das mesmas pessoas, sobretudo quando se vive em Comunidades Religiosas muito pequenas (que são a maioria hoje em dia), durante anos e anos, podem gerar monotonia, solidão e insatisfação afetiva. Portanto, uma programação inteligente, criativa e realista de mudança de ambiente se torna necessária.²

2. Recomendo a leitura do artigo do Padre Plutarco Almeida, sj, “Da necessidade do lazer na Vida Religiosa”: revista *Convergência* 440, p. 152ss, abr. 2011.

Outro sentimento que pode aparecer na Vida Consagrada é o da solidão. Trata-se aqui da sensação de viver fora do grupo. Mas, por outro lado, a solidão chama à comunhão.

Inácio de Loyola, consolação x desolação

Creio ser interessante apresentar as Regras do Discernimento Espiritual de Santo Inácio de Loyola porque elas respondem às situações de vida afetiva satisfeita e insatisfeita. “Regras para SENTIR e conhecer os vários movimentos que se produzem na alma: os bons para os aceitar e os maus para os rejeitar” (EE 313).

Inácio fala de “consolação espiritual” (vida afetiva satisfeita). “Chamo consolação a um movimento interior que se desperta na alma, pela qual se inflama no amor do seu Criador e Senhor, e, em consequência, não pode amar coisa alguma sobre a terra por si mesma, mas só no Criador de todas as coisas.” Quando o chão é Deus, então se sente “inflamado no amor de Deus”. A vida afetiva está segura, está firme no chão que é Deus.

“Chamo consolação, quando derrama lágrimas que a movem ao amor do seu Senhor, quer seja pela dor dos seus pecados ou por causa da Paixão de Cristo nosso senhor ou por outras coisas diretamente ordenadas ao serviço e louvor dele.” Consolação é vida afetiva satisfeita ao sentir-se com pé firme no chão, Deus.

“Chamo consolação a todo aumento de esperança, fé e caridade e a toda alegria interior que eleva e atrai a alma para as coisas celestiais e para a salvação, tranquilizando e pacificando-a em seu criador e Senhor.” Santo Inácio toca no mais íntimo da vida afetiva. O fundamento básico dela está na fonte da vida humana, no Criador da vida. O sentimento de vazio e de esterilidade, em muitos casos, está na falta de fé, esperança e caridade, virtudes essenciais da vida cristã. Faltando elas, o fruto é claro: Falta de chão, insegurança, sentimentos negativos (EE 317).

Por outro lado, Inácio fala de “desolação espiritual” da seguinte forma:

Citamos desolação exatamente o oposto... da consolação: escuridão, perturbação, incitação a coisas baixas e terrenas, inquietação de várias agitações e tentações que levam à falta de fé, de esperança e de amor; achando-se... preguiçosa, tibia, triste e como que separada do seu criador e Senhor. Consolação e desolação são opostas, também os sentimentos... são contrários...

Desolação significa insegurança, falta de chão. Até a criança de colo, quando é deixada solta no ar, estremece, grita e chora. A descrição de Inácio atinge em cheio a vida afetiva da pessoa. Ela é o motor de ação. Ela move para o bem ou para o mal, segundo forem as imagens que invadam a mente. Imagens e lembranças negativas produzirão sentimentos negativos. Imagens positivas produzirão sentimentos positivos. Está em jogo o bem e o mal.

“É próprio do bom espírito dar coragem, forças, consolações e lágrimas, inspirações e paz, facilitando o caminho e desembaraçando de todos os obstáculos para fazer avançar as pessoas na prática do bem” (*EE* 170).

O que fazer na desolação?

Esta é a pergunta fundamental: como agir no tempo da desolação? E é Inácio de Loyola quem responde:

Não se deve fazer mudança alguma, mas permaneça firme e constante nos propósitos e determinações em que estava no dia anterior a esta desolação [...] Porque, assim como na consolação é o bom espírito que nos guia [...], assim também na desolação nos procura conduzir o mau espírito, sob cuja inspiração é impossível achar o caminho que nos leva a acertar. Se é para mudar, mudar na consolação; nesse estado, vemos mais claro o que devemos fazer (*EE* 318).

Segunda norma diante da desolação: “Uma vez que na desolação não devemos mudar os primeiros propósitos, muito aproveita reagir intensamente contra a mesma desolação, por exemplo, insistindo mais na oração, na meditação, em examinar-se muito e em aplicar-se em algum modo conveniente de fazer penitência” (*EE* 319).

É um princípio de máxima prudência humana não fazer mudanças quando a pessoa está confusa, desorientada pela incerteza. O que está em jogo é a vida afetiva. Santo Inácio, então, aconselha: “O que está em desolação esforce-se por se manter na paciência, virtude oposta às aflições que está sentindo. E pense que, bem depressa, será consolado, empregando contra tal desolação as diligências acima expostas” (*EE* 321).

Em seguida, aponta as causas que deterioram a vida afetiva:

Tibieza, preguiça e negligência nos exercícios de piedade afastam a consolação espiritual. Em segundo lugar, para mostrarmos o valor que temos, e até que ponto somos capazes de avançar no serviço e louvor de Deus, sem tanta recompensa e favores especiais. Em terceiro lugar, para nos ensinar que não depende de nós conseguir e conservar grande devoção, intenso amor e lágrimas, mas que tudo isto é dom, e também para que não façamos ninho em casas alheias, permitindo que o nosso espírito se exalte com movimentos de orgulho e vanglória, atribuindo a nós mesmos os sentimentos de devoção ou efeitos da consolação espiritual (*EE* 322).

Em todas essas normas de discernimento espiritual de Inácio de Loyola podemos descobrir quais são as causas principais de nossa vida afetiva insatisfeita. A vida humana é movida pela afetividade boa ou ruim. Depende de nós escolher o tipo de vida afetiva a nos conduzir.

No histórico das pessoas que deixaram a Vida Religiosa, encontraremos a vida afetiva negativa. Difícil será viver alegre na Vida Consagrada tendo vida afetiva negativa, de desolação, de falta do chão.

Existe a noite escura da provação de Deus. Os discípulos de Jesus sentiram medo, desolação, ao verem Jesus crucificado. Temiam que o sinédrio fizesse o mesmo com eles, é claro. Por isso viviam fechados por medo dos judeus. Tempo de profunda desolação. O encontro com o Ressuscitado lhes trouxe alegria, coragem para pregar a mensagem do Senhor. Ora, ressurreição é alegria, arder do coração, reconhecer o Senhor no partir do pão. Na consolação está presente o Ressuscitado. A Vida Consagrada sentirá arder o coração quando caminhar com o Ressuscitado até Emaús, onde o reconheça ao partir o pão. Jesus fez-se terapeuta com os fugitivos, levando-os da desolação até a consolação. Da falta de fé até o arder do coração. Saíram de Jerusalém com pés de chumbo e voltaram, com os pés nas nuvens, a Jerusalém, de onde, aliás, não deveriam ter saído. Portanto, a vida afetiva negativa erra e a vida afetiva positiva acerta os caminhos do Ressuscitado. Vida afetiva negativa é ausência do Ressuscitado. Só em Jerusalém seremos consolados!

Bibliografia

- BAQUERO, Victoriano. *Otimismo: vida! Pessimismo: morte!* 2. ed. São Paulo: Loyola, 1997.
- _____. *Psicoterapia centrada no corpo*. São Paulo: Loyola, 1995.
- _____. *Tenho vocação?* 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1998.
- GENDLIN, Eugene T. *Focalização. Uma via de acesso à sabedoria corporal*. Trad.: Carlos S. Mendes Rosa. Rev. Técnica: João Carlos C. Messias. São Paulo: Gaia, 2006.
- GRÜN, Anselm. *O tratamento espiritual da depressão*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- LERSCH, Philipp. *La estructura de la personalidad*. Barcelona: Scientia, 1966.
- SANTO INÁCIO DE LOYOLA. *Exercícios Espirituais*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2009.
- VALLÉS, Carlos G. *Liberto de tudo. Anthony de Mello; um profeta para nosso tempo*. São Paulo: Loyola, 1990.

600

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. De que modo estamos encarando, neste momento, a Vida Religiosa? Com pessimismo ou otimismo?
2. O que estamos fazendo, individual e comunitariamente, para superar a monotonia e a solidão?
3. Como enfrentamos as “desolações” em nossa vida diária e o que fazemos concretamente para superá-las?